

Freud, a angústia de separação e de perda de objeto

As principais contribuições teóricas de Freud sobre este tema estão contidas em duas publicações, "Luto e melancolia" e *Inibição, sintoma e angústia*. Em "Luto e melancolia", editado em 1917, Freud descreve o mecanismo de defesa fundamental contra a perda do objeto, ressaltando a introjeção do objeto perdido em uma parte cindida do ego, na origem da depressão. Alguns anos mais tarde, em 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*, atribui a fonte da angústia ao temor da separação e da perda de objeto, revendo assim radicalmente seus pontos de vista anteriores sobre a origem da angústia. Esses dois trabalhos marcantes na obra freudiana não devem ser compreendidos isoladamente, tendo-se que levar em conta outros textos importantes que os anunciam, esclarecem ou completam.

Embora Freud tenha levantado hipóteses fundamentais sobre a dinâmica psicanalítica da relação do indivíduo diante da separação e da perda de uma pessoa amada, quase não se encontra em sua obra referência clínica explícita em relação à separação, em um registro transferencial. Em suas principais contribuições sobre esse assunto, Freud se baseia essencialmente na psicopatologia geral e na observação da vida cotidiana, sem se referir explicitamente à experiência analítica com seus pacientes: em 1905, por exemplo, é a criança que tem medo de escuro, em 1920 é a criança que brinca com o carratel e, em 1926 é o lactente que teme a perda de sua mãe, que servem sucessivamente de modelo para a angústia. Entretanto, em seus escritos e em sua correspondência, Freud mostrou-se particularmente sensível aos sentimentos de nostalgia, de solidão e de luto que ele próprio experimenta ou percebe nos outros, relacionados à separação e à perda de pessoas queridas.

1. SEPARAÇÃO E PERDA DE OBJETO NOS PRIMEIROS ESCRITOS DE FREUD

Dependência e desamparo infantis

Nos escritos de Freud, muito cedo já se encontra esboçada a importância do papel das relações iniciais de objeto, indispensáveis para que o lactente emerge do estado de desamparo e de dependência biológica e psicológica no qual se encontra no começo de sua existência.

Podemos considerar que as primeiras referências ao problema da angústia de separação, na obra de Freud, estão contidas em suas cartas a Fliess — particularmente no manuscrito E, dedicado à origem da angústia — e em “Projeto para uma psicologia científica” (1950a [1892-1899]). Neles Freud menciona diversas vezes a necessidade do ser humano, desde o começo da vida, de encontrar em seu ambiente uma pessoa (geralmente a mãe) que lhe permita descarregar a tensão gerada pelas necessidades internas físicas e psíquicas. Chama a este encontro entre a necessidade de descarga e a pessoa que a satisfaz de “experiência de satisfação”. Se a ação específica necessária — fornecimento de alimento, por exemplo — proveniente da “pessoa que cuida”, não propiciar esse processo de “realizar a satisfação”, surgirão perturbações do desenvolvimento de funções físicas e psíquicas do lactente devido à sua imaturidade e aos estados de desamparo (*Hilflosigkeit*). Através de uma outra noção, a da “compreensão mútua” que se instaura entre o lactente e sua mãe (1950a [1895], p. 336), Freud delinea o primeiro esboço de uma concepção psicanalítica sobre o papel desempenhado pela relação inicial mãe-filho, tal como será mais tarde desenvolvida na teoria do *holding* de D. W. Winnicott (1955) ou na de continente-contido (W. R. Bion, 1962b).

A perda do objeto que ocorre na experiência de satisfação — real e alucinatória — também vai constituir, segundo Freud, o fundamento do aparecimento do desejo e da busca ulterior dos objetos: de fato, é na ausência do objeto de satisfação que a imagem do objeto que satisfaz vai ser reinvestida como representação simbólica (satisfação alucinatória do desejo). Em consequência, quando o indivíduo começa a procurar novos objetos, ele busca não só encontrar um objeto, segundo Freud, mas *re encontrar* o objeto original perdido, que outrora trouxera satisfação real (“A negação”, 1925h).

Na mesma época das cartas a Fliess, Freud observa que o objeto é primeiramente percebido pelo ego devido ao sofrimento produzido por sua perda: “Em primeiro lugar, existem objetos (percepções) que nos fazem brigar, porque provocam dor” (“Projeto”, 1950a [1895], fr. p. 377). Posteriormente, em “As pulsões e seus destinos” (1915c), Freud ligará o aparecimento do ódio à dor psíquica, associada à percepção dos diferentes aspectos do objeto: este será “amado” quando for fonte de prazer, detestado e odiado

quando fonte de desprazer. Freud fornece assim um fundamento para o aparecimento do ódio ao objeto que surge nas situações dolorosas traumáticas, vividas como ameaças à vida psíquica e à sobrevivência do indivíduo, sentimentos que estão na base da hostilidade e da transferência negativa, que desempenham um papel tão importante na interpretação da angústia de separação.

Temor à separação, fonte da angústia na criança

Em 1905 Freud já havia estabelecido a ligação direta entre o aparecimento da angústia na criança e o sentimento de ausência de uma pessoa amada: “A angústia nas crianças originalmente nada mais é do que um sentimento de ausência da pessoa amada” (1905d, fr. p. 135). Freud se baseia na observação de um menino de três anos que tem medo de escuro, concluindo que “a criança não tinha medo da escuridão, mas estava angustiada pela ausência de uma pessoa amada, e tinha certeza de se acalmar tão logo tivesse prova da presença dessa pessoa” (p. 186, n. 79). Embora Freud atribua explicitamente a angústia dessa criança à ausência da pessoa amada, na explicação teórica que dá, permanece fiel à explicação da origem da angústia segundo a qual a angústia nasce da transformação direta da libido insatisfeita. Foi preciso esperar 1926 para que ele voltasse definitivamente à idéia de que a angústia tem como origem o temor à separação e à perda do objeto, não só na criança, mas também no adulto.

Na mesma ordem de idéias, lembremos as reflexões ulteriores de Freud (1920g) sobre a criança que brinca com o carretel com a finalidade de reproduzir o desaparecimento e reaparecimento da mãe ausente. Este texto tem sido amplamente comentado na literatura psicanalítica. Gostaria apenas de destacar aqui uma nota de Freud sobre este assunto, mencionando a identificação dessa criança com sua mãe ao brincar, diante do espelho, de desaparecer e reaparecer. Trata-se da defesa característica por identificação com o objeto perdido, tal como a descreveu em 1917, que pode também ser considerada como uma “identificação com o objeto frustrador” (R. A. Spitz, 1957), ou como um meio de transformar a passividade em atividade (M. Valcarce-Avello, 1987).

A questão do narcisismo primário

A questão que se coloca é saber se, no começo da vida, existe ou não no lactente ou na criança uma fase de sua existência durante a qual não consegue ainda diferenciar-se do outro (fase narcísica) e se podemos situar em algum momento ulterior do desenvolvimento infantil o início da percepção do outro como diferente de si-mesmo (fase objetal).

Freud atribuiu sucessivamente várias significações à noção de narcisismo, começando por utilizar o termo narcisismo para descrever uma relação na qual uma pessoa toma seu próprio corpo como objeto sexual ("Sobre o narcisismo: uma introdução", 1914c). Mais tarde, depois de ter concebido a segunda tópica, Freud vai opor um estado narcísico primordial anobjetal às relações de objeto. Chama a este estado primitivo de "narcisismo primário", caracterizando-o como uma fase inicial do desenvolvimento que dura muito tempo, na qual "o ego e os objetos não podem ser distinguidos" e cujo protótipo seria a vida intra-uterina (1916-1917, fr. pp. 444-45). Conserva a idéia de um narcisismo por identificação com os objetos, chamando-o de "narcisismo secundário".

Entretanto, Freud destaca que nunca teve material clínico que demonstrasse o narcisismo primário e que suas idéias se baseiam na observação dos povos primitivos e em razões de ordem teórica. Como já vimos no capítulo precedente, a questão da existência ou não de uma fase narcísica primária permanece controversa e continua a influenciar as principais teorias psicanalíticas de relação de objeto.

2. "LUTO E MELANCOLIA" (1917e [1915])

A introjeção do objeto perdido

Em "Luto e melancolia" escrito em 1915, ao mesmo tempo que "Metapsicologia", mas publicado em 1917, Freud se interroga sobre as reações do indivíduo diante de uma perda real ou de uma decepção por parte de uma pessoa amada, ou da perda de um ideal: por que certas pessoas reagem com um sentimento de luto que será superado depois de certo tempo, enquanto outras mergulham em um estado *depressivo* (chamado de *melancolia*, na época [Strachey, 1957; Laplanche, 1980])?

Freud constata que diferentemente do luto normal, que se situa principalmente no nível consciente, o luto patológico se passa no nível inconsciente. Ele enfatiza a inibição do melancólico, que atribui a uma perda do ego produzida pela perda do objeto. A melancolia é acompanhada, além disso, por auto-acusações que podem chegar até à expectativa delirante de punição.

Tendo a intuição de que as auto-acusações do melancólico são, na verdade, hétero-acusações, dirigidas contra a pessoa importante do ambiente "que provocou a perturbação afetiva do doente" (*Obras completas*, fr. p. 270), Freud descobre a chave do mecanismo da melancolia. Esse desvio das recriminações contra o próprio sujeito se torna possível pelo fato de que o objeto perdido, origem da decepção, é instalado novamente dentro do ego que se cinde, uma parte do ego encerrando a fantasia do objeto perdido e a outra

tornando-se a parte crítica: "Assim, a sombra do objeto caiu sobre o ego, que então pôde ser julgado por uma determinada instância como um objeto, como o objeto abandonado. Deste modo, a perda de objeto se transformou em uma perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada em uma bipartição¹ (*Zwiegespalt*) entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação" (p. 268).

Esse mecanismo de introjeção do objeto perdido, e de cisão do ego como defesa contra a perda de objeto, implica uma série de condições descritas por Freud e que podemos resumir assim: a) para que a escolha de objeto regrida para a identificação narcísica, é preciso que o investimento objetal seja frágil e que seja previamente estabelecido em uma base narcísica; b) para que a introjeção do objeto perdido possa se realizar, é preciso que a libido regrida ao estágio oral ou canibalístico; neste estágio, em consequência da ambivalência, o amor pelo objeto se transforma em identificação, e o ódio se volta contra esse objeto substitutivo. Assim, as tendências sádicas que visam a um objeto voltam-se contra o próprio sujeito. Porém, Freud destaca que o sadismo voltado contra si-próprio permanece simultaneamente dirigido inconscientemente contra a pessoa visada do meio: "O doente geralmente ainda tenta conseguir, pelo rodeio da autopunição, vingar-se dos objetos originários e atormentar os seres amados através da condição de doente, depois de ter cedido à doença, para não ter que lhes mostrar diretamente sua hostilidade" (p. 270). É o sadismo voltado contra si-próprio que explica o suicídio do melancólico. Quanto à mania, Freud constata que ela luta com o mesmo "complexo" da melancolia, complexo ao qual o ego provavelmente sucumbiu na melancolia, ao passo que, na mania, o ego o dominou ou o pôs de lado (p. 273).

Ambigüidades em Freud

Ao descobrir que, quando um depressivo declara: "eu me detesto", ele quer dizer, na verdade, "eu te detesto", carregado de ódio destinado inconscientemente ao objeto amado, Freud teve uma intuição de gênio. Porém essa intuição clínica fundamental permanece ainda parcialmente incompreendida, em minha opinião, e certamente ainda insuficientemente explorada pelos psicanalistas na prática da interpretação da transferência.

Isso, sem dúvida, decorre de certas ambigüidades nas sucessivas formulações utilizadas por Freud, como observaram vários autores. Efetivamente, na leitura dos textos sucessivos, se certas formulações são destituídas

1 — Em francês *scission*. Usamos o termo bipartição sugerido por Marilena Carone em sua tradução do original alemão publicada no *Journal de Psychanalyse* da SBPSP - Ano 18 nº 36 - 1985 p. 27-44

de ambigüidade, como quando situa a identificação com o objeto perdido em uma parte cindida do ego que se contrapõe a outra, em compensação outras formulações são ambíguas. Assim, podemos nos indagar justificadamente em que parte do ego ele situa o ego-sujeito ("eu")? Do mesmo modo, em que parte do ego ele situa o "ego crítico", a "instância crítica", ou mais tarde, o "ideal do ego" e o "superego"?

A resposta a essas perguntas é crucial, porque da maneira como iremos apreender as relações recíprocas entre o ego e os objetos vai depender a maneira como vamos interpretar os movimentos transferenciais de projeção e de introjeção do objeto perdido quando ocorrem durante o tratamento, do que darei um exemplo mais adiante.

Essas imprecisões em Freud foram mencionadas diversas vezes. Assim, J. Laplanche se pergunta "quem persegue quem, na tópica do depressivo" (1980, p. 329), e se indaga "onde se situa o discurso?", "de onde vem a palavra do deprimido?". Em sua opinião, é preferível não procurar demais situar o ego-sujeito, para evitar "a fascinação que poderia nos fazer situar *definitivamente* o sujeito em algum lugar" ou alojá-lo em uma instância. Seria melhor ser mais pragmático, procurando de preferência "de onde provém o discurso? (...), de onde é que isso fala?" (p. 331). Quanto a D. Meltzer (1979), ele observa a mesma hesitação em Freud: "Parece que o próprio Freud fica muito na dúvida, não conseguindo decidir se é o ego que acusa, ou se é o ideal do ego que se volta contra o ego. Entretanto, o ponto relevante é que ele chegou a conceber a questão 'Quem sente o sofrimento?' É o ego ou seu objeto quem sofre? 'Quem é atacado?'" (p. 111).

Todavia, penso que uma leitura bastante atenta dos textos permite levantar essas ambigüidades e fornecer ao psicanalista todos os elementos de que precisa para observar o conflito específico da melancolia na relação transferencial para interpretá-lo e elaborá-lo.

É o ego-sujeito que crítica o objeto, e não o inverso

Examinando uma após outra as formulações utilizadas por Freud em 1917e [1915], 1921c e 1923b para descrever o conflito intrapsíquico na melancolia, podemos constatar que ele distinguiu regularmente duas partes do ego, separadas por cisão, contrapondo-se uma a outra: uma correspondendo, regularmente, ao ego-sujeito ("eu"), e a outra, à parte do ego identificada com o objeto perdido introjetado. A primeira dirige sua "crítica" contra a segunda, confundida com o objeto.

Isso já aparece em "Luto e melancolia" (1917e [1915]): "Vemos nele como uma parte do ego se contrapõe a outra, avalia-a criticamente, como que tomado-a por objeto" (p. 266). Mais adiante, no mesmo texto: "... o conflito entre o ego e a pessoa amada [transformou-se] em uma bipartição entre a crítica do

ego e o ego modificado pela identificação" (p. 268). Ou ainda: "... o ódio entra em ação neste objeto substitutivo, insultando-o, humilhando-o, fazendo-o sofrer e ganhando neste sofrimento o benefício de uma satisfação sádica" (p. 270). Até mesmo propõe, em 1921c: na melancolia, as recriminações "representam a vingança exercida pelo ego sobre esse objeto" (p. 172), ou "... uma das partes do ego se enfurece contra a outra. Essa outra é a parte modificada pela introjeção, a que contém o objeto perdido" (p. 173).

R. H. Etchegoyen confirma minha leitura de Freud, afirmando claramente que, em "Luto e melancolia", "O Ego crítico corresponde ao sujeito e *não* ao objeto incorporado". Segundo ele, este é "um fato que passa despercebido para o próprio Freud e que seus seguidores não dão muita importância. Em minha opinião, essa ambigüidade está subjacente em muitas discussões teóricas" (*Os destinos da identificação*, 1984, p. 874).

Se, no conflito melancólico, houvesse apenas essa oposição entre a parte do ego-sujeito e a parte que contém o objeto perdido, o problema já não seria simples. Mas o que vai complicar ainda mais é que o ego-sujeito do melancólico não é um ego-sujeito que exerce sua função normal de proteção, isto é, seu papel de "consciência, instância crítica dentro do ego, que mesmo nos períodos normais se impõe ao ego através de sua crítica" (1921c, p. 173). Ao contrário, é um ego que critica "inexorável e injustamente" e que perdeu sua função protetora. Essa instância extremamente severa que se desenvolve dentro do ego, desprende-se do ego-sujeito, diz Freud, para formar o que ele chamará inicialmente de "ideal do ego" (1921c) e depois de "superego" (1923b). Na melancolia, "este superego excessivamente forte, que se anexou à consciência", agora volta sua ira contra o ego com uma violência impiedosa (1923b, p. 268).

Estas questões não são questões bizantinas, mas interrogações cruciais para o psicanalista que deseja aplicar, na técnica da interpretação, as intuições de Freud. De fato, o psicanalista tem necessidade de saber *quem* é o ego-sujeito, e *quem* é o objeto, porque, sem saber quem faz o que a quem, pode ser levado a fazer confusões ou a renunciar a interpretar este tipo de conflito quando ele surgir na relação transferencial.

Segundo minha experiência, a resposta positiva de meus analisandos às interpretações referentes à introjeção do objeto-analista tratado como objeto perdido — ao qual o sujeito está preso e sobre o qual dirige seu ódio, voltando-o contra si mesmo — confirma a meu ver a importância do fato de que, na reação melancólica, certamente é o ego-sujeito que odeia o objeto introjetado e não o inverso. Mostrarei, mais adiante, dois exemplos clínicos deste fenômeno transferencial freqüente e a maneira como o interpretar.

De onde vem o sadismo do superego?

É igualmente difícil, entre as identificações, determinar quais delas estariam especificamente em jogo na constituição do superego, do ideal do ego,

do ego ideal e até mesmo do ego, como o destacaram J. Laplanche e J.-B. Pontalis (1967, p. 473). Isso acontece porque é difícil observar as identificações no cerne do conflito intrapsíquico do melancólico. No que se refere ao ego crítico, Freud vai torná-lo superego na segunda tópica ("O ego e o id", 1923b) e considerará o sadismo do superego, no melancólico, como "uma cultura pura da pulsão de morte" que "com bastante frequência consegue levar o ego à morte, se este último não se defender a tempo de seu tirano através da mudança para a mania" (p. 268).

Em 1930, Freud considerará o sadismo do superego melancólico sob um novo aspecto, que não exclui os precedentes, e se declara de acordo com M. Klein ao dizer que o ódio do superego contra o ego nada mais é do que o resultado da projeção do ódio do ego contra o objeto, atribuído ao superego e voltado contra o ego-sujeito. Para M. Klein, a severidade do superego, tal como se observa na criança, não tem relação com a severidade dos pais: o que é internalizado pela criança é uma imagem dos pais sobre a qual a criança projetou suas próprias pulsões destrutivas. Freud adota este ponto de vista referindo-se explicitamente a Melanie Klein e aos autores ingleses: "A severidade original do superego não representa, ou não representa tanto, a severidade que dele se experimentou ou que se lhe atribui. Representa, antes, nossa própria agressividade voltada contra esse superego" (*Mal-estar na civilização*, 1930a, p. 87).

Este último ponto é capital para a técnica, porque o analista pode interpretar a autodestrutividade do analisando contra ele próprio como resultado da projeção de sua agressividade contra o analista, voltada contra o ego do analisando confundido com o objeto-analista introjetado. Assim, de acordo com a intuição de Freud, o conflito entre o ego e o objeto (neste caso, o analista) transformou-se em um conflito intrapsíquico entre duas partes do ego, o ego-sujeito atacando o objeto introjetado e dirigindo contra si-mesmo a agressividade destinada ao objeto.

Cisão do ego e negação da realidade como defesas contra a perda de objeto

Em "Luto e melancolia", a noção de cisão do ego é introduzida como sendo o mecanismo de defesa específico contra a perda do objeto, após a introjeção do objeto perdido. O conflito entre o ego e o objeto externo se transforma em um conflito entre duas partes do ego, afetando sua própria estrutura: "Deste modo a perda do objeto se transformou em perda do ego e o conflito entre o ego e a pessoa amada, em uma bipartição (*Zwiespalt*, *GW*, p. 435) entre a crítica do ego e o ego modificado pela identificação" (p. 268). Nesta passagem, a tradução para o francês fala em *scission*, que esvazia o conceito de cisão contido no termo alemão *Zwiespalt*, termo que contém o de *Spalt*, que se aproxima de *Spaltung* (cisão). Ao traduzir literalmente *Zwiespalt*,

dever-se-ia dizer, em minha opinião, "cisão em dois", para conservar o conceito psicanalítico de cisão. Por outro lado, a noção de cisão está explícita em outra passagem de "Luto e melancolia": "... a instância crítica, aqui separada do ego por cisão..." (p. 266).

Ulteriormente a noção de cisão do ego, tal como é introduzida em "Luto e melancolia" em relação à perda do objeto, foi completada pela noção de negação da realidade. A negação da realidade é inicialmente apresentada por Freud como um mecanismo de defesa específico da psicose. Mas, em seguida, ele matiza esse conceito introduzindo a noção de uma negação parcial da realidade, que afeta apenas uma parte do ego — correspondente à parte psicótica —, enquanto que a outra parte do ego conserva sua relação com a realidade.

Quanto à noção de negação da realidade, como defesa contra a perda do objeto, ela aparece em 1924, quando Freud diferencia a repressão da negação da realidade, fazendo desta última um mecanismo de defesa específico da psicose. Dando o exemplo de uma moça apaixonada pelo marido de sua irmã que, diante da irmã morta, reprime seu sentimento, Freud observa: "A reação psicótica [da moça] teria sido negar o fato da morte de sua irmã" ("A perda da realidade na neurose e psicose", 1924b, p. 300).

Em "O feticchismo" (1927e), Freud afirma que a negação da realidade pode ser apenas parcial, afetando apenas a parte do ego para a qual a perda do objeto é negada na realidade. Volta atrás na clara oposição que fazia antes entre neurose e psicose e reconhece doravante que pode existir, em um mesmo indivíduo, uma cisão do ego, uma parte dele negando a realidade e outra aceitando-a. Dá como exemplo a análise de dois jovens que tinham "escotomizado" a morte do pai em sua infância, sem contudo terem ficado psicóticos. Essa escotomização, segundo Freud, é baseada na negação da realidade da morte do pai, pelo menos por uma parte do ego. De fato, o ego desses jovens estava dividido em duas correntes pela "cisão": "Havia apenas uma corrente em sua vida mental que não reconhecia essa morte; uma outra corrente se dava plena conta disso; ambas as posições coexistiam, a que se ajustava ao desejo e a baseada na realidade" (p. 137).

Deste modo, Freud, a partir de "Luto e melancolia", pouco a pouco resgatou a idéia de que o ego se defende contra a perda de objeto cindindo-se, uma parte do ego se identificando com o objeto perdido e negando a realidade da perda, enquanto que outra parte do ego reconhece a realidade da perda. Freud precisará ainda mais esta noção de cisão do ego em duas partes em *Esboço de psicanálise* (1940a [1938]) e em "A cisão do ego no processo de defesa" (1940e [1938]). W. R. Bion (1957) dará um novo desenvolvimento a essas idéias, através da diferenciação que estabelece entre a parte psicótica e a parte não psicótica da personalidade, conceito que se aplica particularmente bem aos fenômenos de cisão na transferência, que se observam clinicamente no luto patológico.

Um exemplo na situação transferencial de introjeção do objeto perdido e da volta do ódio contra si mesmo

Gostaria de mostrar, através de dois breves exemplos clínicos, os movimentos transferenciais de introjeção do objeto perdido — o analista —, ligados a um recrudescimento da ambivalência amor-ódio, à qual somos confrontados tão freqüentemente, quando das interrupções entre sessões, nos fins de semana ou nas férias. A interpretação visa a não deixar que se instalem de forma permanente estes mecanismos de defesa característicos das reações depressivas. Visa também a tornar conscientes o apego inconsciente pelo analista — substituído por uma introjeção que confunde analisando e analista — e a volta sobre o próprio sujeito do ódio destinado ao objeto, em lugar de projetá-lo na transferência.

O primeiro exemplo se refere a um paciente levemente depressivo e ambivalente, no qual pude observar, por diversas vezes, que ele reagia às interrupções do fim de semana de uma maneira surpreendente para mim. Por exemplo, numa sexta-feira, antes de uma separação de fim de semana, observei que ele estava em pleno trabalho de elaboração, bem-humorado e ativo; porém, na sessão da segunda-feira seguinte à interrupção do fim de semana, chegou com um aspecto sombrio, ar fechado e descontente, parecendo ter vindo a contragosto. Sua relação comigo mudara radicalmente: aparentava ter perdido todo o interesse por mim, parecia ignorar minha presença, e não manifestava nenhum interesse pelo que tinha elaborado durante a semana anterior, e menos ainda pelo que sentia no momento. Eu não compreendia o que se passava, perguntando-me se teria acontecido alguma coisa de grave em sua vida, se ele teria feito alguma bobagem da qual não ousava me falar e fiquei preocupado. Suas únicas palavras foram as seguintes: “*Eu não sou nada, eu sou incapaz, não valho nada*”, dizia-me ele com um ar sombrio. Não me ocorreu, de imediato, que ao acusar a si mesmo, era a mim a quem acusava. As associações que se seguiram sobre as férias que se aproximavam permitiram-me interpretar-lhe que, ao dizer aparentemente para si mesmo: “*Eu não sou nada, sou incapaz*”, era a mim que ele se dirigia implicitamente, dizendo-me que eu era um analista inútil, incapaz. Acrescentei que, em lugar de expressar verbalmente sua ira contra mim que o havia deixado sozinho em um momento tão importante, não me dissera nada, mas se transformara em uma recriminação viva, fazendo-me entender quanto eu era um analista inútil e incapaz.

A reação do paciente à minha interpretação foi imediata: mal tinha terminado minha frase e ele reencontrava toda sua vivacidade e seu vigor, sua depressão desapareceu como por encanto, e eu o ouvi me dizendo energeticamente o quanto tinha se irritado contra mim, o que só tinha compreendido agora. Por um lado, creio que minha interpretação não só tinha tornado conscientes seu apego e seu ódio contra mim, mas também tinha destacado o retorno para ele próprio da agressividade que me era destinada — dirigida

contra mim confundido com ele dentro de uma parte de seu ego (introjeção do objeto perdido). Por outro lado, penso que este paciente pudera reagir rapidamente à minha interpretação e criticar-me abertamente, porque não tinha medo de me perder ao me agredir. Ele, assim, reagia de modo inverso ao dos pacientes que não ousam expressar seu ódio pelo analista senão de forma inconsciente, porque, enquanto em sua mente o ódio não estiver suficientemente ligado ao movimento libidinal para com o objeto — o analista, na transferência —, no sentido da fusão pulsional (Freud, 1920g, 1923b), eles imaginam que seu ódio contra o analista tem por efeito a destruição do objeto. Em um outro nível, meu analisando tinha se sentido vazio e empobrecido durante o fim de semana, mas recuperara seus recursos com a interpretação.

Meu segundo exemplo se refere a um paciente depressivo e obsessivo, que reagiu a uma situação transferencial de perda de objeto durante a análise — a aproximação das férias — por uma tendência a sabotar-se, exprimindo assim, de maneira inconsciente, a raiva que me era destinada na transferência, porém voltada contra ele próprio sob forma sádica e masoquista autodestrutiva. Este homem tinha sofrido abandonos no início de sua vida, era traído e desconfiado em relação aos outros. Todavia, suas relações comigo e com as pessoas de seu entorno tinham melhorado lentamente no decorrer da análise, tendo ele alcançado uma posição profissional mais de acordo com suas possibilidades, deixando-se maltratar menos pelos homens e mulheres de seu meio. Em determinado momento, teve uma inexplicável recaída, a ponto de não conseguir mais trabalhar corretamente e eu temia muito que perdesse seu emprego. Eu tinha a impressão de não ter mais o mesmo contato com ele como antes: ele não falava mais comigo sobre o que sentia, mas apenas de sua atividade no trabalho, onde encontrava dificuldades crescentes, apesar de seus esforços, e as ameaças de seu patrão de despedi-lo tornavam-se mais evidentes. “*Eu me arrependo e acabo fazendo com que me ponham na rua*”, repetia ele.

Esta formulação me fez lembrar que as férias de verão se aproximavam e pensei que, ao tentar ser posto na rua por seu patrão, inconscientemente era a mim que ele queria pôr para fora, porque, sem emprego, ele não poderia mais pagar sua análise. Assim, ele atacava a si mesmo, sabotando-se em seu trabalho, mas atacava também a mim. A interpretação tornou consciente o fato de que o ódio dirigido contra si mesmo visava inconscientemente a mim, o que permitiu, não sem alguma dificuldade, interromper o processo de autodestruição, desviar o ódio voltado contra si-próprio e restabelecer o movimento de ódio contra o objeto — o que foi possível graças à ligação do amor ao ódio realizada por nossa interpretação.

Este tipo de interpretação baseia-se no conflito intrapsíquico amor-ódio do melancólico, descrito por Freud (1917e [1915]), no qual o amor foi dissociado do ódio: o investimento amoroso refugiou-se na identificação narcísica, “o ódio exerce sua atividade sobre esse objeto substituído...” (fr. p. 270). Freud acrescenta que o sadismo inconsciente, voltado contra a própria pessoa, depois

da introjeção, permanece simultaneamente dirigido contra a pessoa do ambiente visada (p. 270). Esta observação é da maior importância para a interpretação, porque Freud destaca assim que a corrente pulsional libidinal e agressiva é sempre dupla em sua direção, sempre dirigida simultaneamente contra um objeto introjetado "dentro", correspondente ao objeto externo "fora" previamente investido. Demonstrando, em 1924, que o ego não consegue se livrar da ambivalência "senão tomando para si a hostilidade dirigida ao objeto", K. Abraham deu um passo decisivo para a possibilidade de tornar o depressivo consciente de seu sadismo e de seu apego oral inconsciente para com o objeto. Para K. Abraham, efetivamente, o objeto é perdido porque o sadismo quer destruí-lo, e não por um efeito colateral e fortuito da incorporação libidinal, como considerou judiciosamente Etchegoyen (1984).

3. "INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA" (1926d)

A angústia de separação, tal como a encontramos na clínica no decorrer do processo psicanalítico, foi descrita por Freud, em 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*, contribuição na qual apresenta novas hipóteses sobre a origem da angústia, e abandona as antigas. Daí em diante, a angústia é considerada por ele como sendo um afeto sentido pelo ego diante de um perigo que, em última análise, tem sempre o significado do temor à separação e à perda do objeto. Além disso, examina o problema das defesas sob novas luzes, distinguindo-o da repressão, e apresenta a idéia de que o ego forma sintomas e erige defesas sobretudo para evitar sentir a angústia representada pelo temor à separação e à perda do objeto.

Esta nova teoria da angústia substitui a que Freud sustentara durante mais de trinta anos, segundo a qual a angústia procedia diretamente da libido insatisfeita, que se transformava em angústia "como o vinho se transforma em vinagre" (Freud, 1905d, nota acrescentada em 1920). De fato, até 1926, Freud considerava que o mecanismo de aparecimento da angústia era um fenômeno puramente físico, o excesso de excitação (ou de libid^o) encontrando uma via de descarga ao se transformar diretamente em angústia. Se, nas neuroses, a repressão intervinha como causa da acumulação de excitação, não parecia necessário, em sua opinião, apelar para um fator psicológico para explicar a transformação da libido em angústia. A partir de 1926, Freud renuncia definitivamente à sua explicação anterior e a partir daí passa a considerar que a angústia possui dupla origem: "... uma, como consequência direta da situação traumática e a outra, como sinal indicativo de que existe uma ameaça de repetição de tal situação" (1933a).

A leitura de *Inibição, sintoma e angústia* é árdua, porque Freud aborda muitos assuntos e mostra uma dificuldade não habitual em dar unidade a sua obra, como observou Strachey (1959). Por outro lado, aborda os mesmos

assuntos repetidas vezes, em termos bastante semelhantes, e somente no fim da obra, nos Adendos, é que encontramos as formulações mais fundamentais. Na XXXII *Nota conferência sobre a psicanálise* (1933a), encontramos uma retomada das hipóteses apresentadas por Freud, em 1926, sobre a origem da angústia, mas com uma redação mais clara e mais sintética.

Depois de ter lembrado as circunstâncias que levaram Freud a publicar *Inibição, sintoma e angústia*, apresentarei minha chave de leitura da obra, resumida em longos traços por questões de concisão.

Freud e "O trauma do nascimento" de O. Rank

Freud publicou a revisão de sua teoria sobre a angústia em resposta à publicação de *O trauma do nascimento* de O. Rank (1924), que também tinha procurado explicar a angústia de separação observada em seus analisandos. Para este último, todas as crises de angústia podiam ser consideradas como tentativas de "ab-reagir" ao primeiro traumatismo, o do nascimento. Explicava todas as neuroses com base nessa angústia inicial, de uma maneira redutora e simplificadora, propondo uma modificação da técnica psicanalítica que permitisse superar o trauma do nascimento e relegando a um plano secundário o papel desempenhado pelo complexo de Édipo nos conflitos neuróticos.

Freud teve, em relação às teorias de Rank, uma atitude vacilante, parecendo inicialmente favorável, porque tinha sido o primeiro a afirmar que o nascimento era a primeira experiência de angústia na criança (1900a) ou "o primeiro grande estado de angústia" (1923b). Em seguida, estimulado por sua crítica aos pontos de vista de Rank, apresenta o resultado de suas próprias reflexões em *Inibição, sintoma e angústia*. Uma das principais objeções feitas por Freud a Rank foi que este enfatizava demasiado o nascimento como perigo externo, e pouco a imaturidade e a fragilidade do indivíduo (p. 78). Por outro lado, Freud pensava que o nascimento era um fenômeno puramente biológico, não psicológico, e que o lactente não podia sentir o tipo de angústia postulado por Rank, porque ainda não percebia o objeto. A este respeito, pensamos atualmente que o recém-nascido e o lactente certamente têm uma percepção parcial, porém muito primitiva da mãe desde o nascimento ou até mesmo antes. Em nossos dias, muitos psicanalistas incluem o nascimento na constituição das fantasias inconscientes.

Angústia, reação do ego ao perigo de perda do objeto

A nova tese central de Freud em relação à angústia articula-se em torno da distinção que ele estabelece entre a "situação traumática", que submerge o

ego e desencadeia a *angústia automática*, e a "situação de perigo", que pode ser prevista pelo ego, que então desencadeia o *signal de angústia*, quando o ego do indivíduo se tornou capaz de prevenir o perigo (Adendo B, fr. pp. 94-98).

A causa desencadeante da angústia automática é a ocorrência de uma situação traumática, e a situação traumática por excelência é constituída pelo desamparo biológico e psíquico do ego imaturo (*Hilflosigkeit*), incapaz de enfrentar o acúmulo de excitação, de origem externa ou interna, e de dominá-lo. Como posteriormente formulará (1933a): "O que é temido, o objeto da angústia, é invariavelmente a emergência de uma situação traumática que não pode ser liquidada de acordo com as normas do princípio de prazer" (p. 127). A noção de situação traumática inscreve-se em concordância direta com seus primeiros textos sobre a origem da angústia, considerada como sendo o acúmulo de um estado de tensão que não consegue ser descarregado, mas, a partir daí, a ênfase é posta na fragilidade do ego do indivíduo.

Ao longo do desenvolvimento, quando o ego se torna capaz de passar da passividade para a atividade, ele consegue reconhecer o perigo, prevenindo-o pelo *signal de angústia*: "A angústia, reação originária ao desamparo no trauma, é reproduzida depois na situação de perigo como *signal de alarme*" (p. 96). Este primeiro deslocamento da reação de angústia permite que se passe da situação de desamparo para a de espera desta, isto é, para a situação de perigo, pois "em seguida vêm outros deslocamentos, do perigo para a condição determinante do perigo, que é a perda do objeto sob as diferentes formas que ela assume..." (p. 96). De fato, se a situação traumática ou a situação de perigo originárias da angústia variam com a idade, todas elas têm, segundo Freud, a mesma característica de significar uma separação ou uma perda de um objeto amado ou a perda do amor desse objeto.

Para chegar a esta conclusão, ele parte igualmente do aparecimento da angústia na criança e de deduções sobre o desencadeamento da angústia no neurótico. A angústia na criança pode ser reduzida a uma única condição, a ausência da pessoa amada (ardentemente desejada) ou de seu substituto (p. 61). Por outro lado, reexaminando o papel desempenhado pela formação dos sintomas e das defesas no aparecimento da angústia nos neuróticos, Freud chega a uma conclusão idêntica: considera que, além do perigo de castração na neurose e do perigo de morte na neurose traumática, a perda e a separação é que constituem o verdadeiro perigo que desencadeia a neurose (p. 52). Para ele, a situação de perigo à qual o ego reage na neurose traumática, não é a angústia de morte — pois a experiência da morte jamais foi vivida e "não deixou nenhum vestígio observável" no psiquismo (p. 53) — mas o abandono pelo superego protetor. Quanto à angústia de castração, que desempenha um importante papel na etiologia das neuroses, ela é precedida por outras experiências anteriores que fazem com que "o ego esteja preparado para a castração, devido às perdas de objeto constantemente repetidas", como a separação do conteúdo intestinal ou a perda do seio materno quando do desmame (pp. 53-54).

Os perigos variam com os períodos da vida

Segundo Freud, os perigos capazes de desencadear uma situação traumática variam de acordo com os diferentes períodos da vida, e eles têm em comum a característica de implicar a separação ou a perda de um objeto amado, ou a perda de amor por parte do objeto. Esta perda ou esta separação pode levar, por diversas vias, a um acúmulo de desejos insatisfeitos e, deste modo, a uma situação de desamparo (J. Strachey, 1959, p. 81). Estes perigos são, sucessivamente, de acordo com Freud: o nascimento, a perda da mãe como objeto, a perda do pênis, a perda do amor do objeto, a perda do amor do superego.

a) *O perigo do nascimento* — Para Freud, o processo do nascimento é a primeira situação de "perigo", e a desorganização econômica que ele produz se torna o protótipo da situação de angústia (p. 78). A situação vivenciada pelo recém-nascido e pelo lactente como um perigo é a da não satisfação, a da "crescente tensão *devida à necessidade*, diante da qual ele é impotente" (grifado por Freud, p. 61). Na situação de insatisfação, "as quantidades de excitação se elevam a um nível desprazeroso, sem que seja possível dominá-las psicicamente ou descarregá-las", e essa perturbação econômica constitui, segundo ele, "o verdadeiro núcleo do 'perigo'" (p. 62). Nesse estágio, a angústia seria unicamente o resultado de um estado de desamparo, não sendo necessário explicá-la em termos da separação em relação à mãe — seja a separação do corpo da mãe ou a separação psicológica — porque, na opinião de Freud, nem o recém-nascido nem o lactente, no começo da vida, conhecem o objeto materno. Apenas o perigo do desamparo seria percebido, e a angústia como reação a esse perigo conduziria à descarga muscular e fonatória, chamando a mãe. "É desnecessário supor que a criança tenha conservado, de seu nascimento, outro *signal* que caracterize o perigo." (p. 62).

Assim, a primeira angústia descrita por Freud parece corresponder a um medo de aniquilamento, e não ao medo da separação propriamente dita. Freud a vê como o resultado da imaturidade e da fragilidade do recém-nascido e do lactente, e mais tarde retomará a ideia de que, de uma maneira análoga, o ego serve-se da angústia como de um *signal de alarme* "que o avisa de todo perigo que ameace sua integridade" (1938, p. 74). O ponto de vista de Freud, segundo o qual o primeiro perigo é constituído pela "crescente tensão *devida à necessidade*" e pelo acúmulo de quantidades de excitação que atingem "um nível desprazeroso sem que seja possível dominá-las psicicamente ou descarregá-las" (p. 61), parece encontrar-se com o ponto de vista de M. Klein, para quem a primeira angústia é o medo do ego de ser aniquilado pela pulsão de morte. Porém, Freud não liga o desamparo do recém-nascido à pulsão de morte. A ênfase posta no perigo de aniquilamento e de transbordamento que ameaça o ego é importante, porque isso significa que a reação mais regressiva e mais psicótica à separação, provavelmente, revela que o medo da separação seja um medo de aniquilamento.

Para Freud, é somente em uma fase ulterior do desenvolvimento infantil que a situação de perigo se desloca do desamparo para o medo da separação

e da perda de objeto, quando o lactente já é capaz de perceber sua mãe como objeto: "Pela experiência de que um objeto externo, perceptível, é capaz de pôr fim à situação perigosa que evoca a do nascimento, o conteúdo de perigo é deslocado da situação econômica para a condição que determinou essa situação: a perda do objeto. É a ausência da mãe que agora constitui o perigo ao qual o lactente dá o sinal de angústia, antes mesmo que a temida situação econômica se estabeleça" (p. 62).

b) *A perda da mãe como objeto* — Portanto, segundo Freud, a perda da mãe como objeto ocorre em uma época mais tardia. "As repetidas situações de satisfação criaram este objeto, a mãe, que recebe, sempre que a criança sente uma necessidade, um intenso investimento que pode ser descrito como de 'anseio'" (p. 100). Quando o lactente começa a perceber a presença de sua mãe, "ainda não pode distinguir entre uma ausência temporária e uma perda permanente; a partir do momento em que perde a mãe de vista, comporta-se como se nunca mais fosse revê-la" (p. 99).

Freud descreve as angústias sucessivas que surgem em relação ao perigo de perder o objeto materno e como a criança passa progressivamente do temor de perder o objeto ao temor de perder o amor do objeto (pp. 99-100).

c) *A angústia de castração, enquanto perigo de perda do objeto* — O perigo seguinte é constituído pelo medo da castração, que ocorre durante a fase fálica. Freud esclarece que a angústia de castração "também é uma angústia de separação e está, assim, submetida à mesma condição determinante de perda do objeto", mas o desamparo é causado por uma "necessidade específica", a libido genital (p. 63).

d) *O perigo de perder o amor do superego* — No decorrer de seu desenvolvimento, a criança, que inicialmente atribuiu a angústia de castração a uma instância parental introjetada, pouco a pouco passa a atribuí-la a uma instância mais impessoal, e o próprio perigo se torna mais indeterminado: "A angústia de castração evoluiu para angústia moral" e é ao medo de perder o amor do superego que o ego dá nesse momento o valor de perigo, respondendo por meio de um sinal de angústia. Freud acrescenta: "Parece-me que a forma final assumida por essa angústia diante do superego é a angústia de morte (angústia pela vida), que é a angústia diante do superego projetado nas forças do destino" (p. 64).

Lembremos que Freud insiste no vínculo genético que liga esses diferentes perigos que se sucedem no decorrer do desenvolvimento (p. 91). Quando a evolução é normal, a cada estágio corresponde uma condição determinante da angústia (p. 66) e os progressos contribuem para eliminar a situação de perigo precedente. Entretanto, Freud destaca que todas essas situações de perigo podem coexistir posteriormente em um mesmo indivíduo, entrando em ação simultaneamente. Penso que Freud, ao redigir *Inibição, sintoma e angústia*, foi influenciado, sem dúvida, pelos trabalhos de K. Abraham (1924) a respeito dos estágios do desenvolvimento libidinal, porque podemos identificar uma preocupação análoga em Freud, quando descreve as etapas sucessivas na percepção do objeto, nas reações face a seu desaparecimento, na evolução dos

conteúdos das fantasias de separação e de perda, em função dos períodos da vida, ou ainda na capacidade do ego de enfrentar a angústia.

Resumindo, podemos dizer que, ao introduzir diferentes níveis de angústia no decorrer do desenvolvimento infantil, Freud fornece, em 1926, um esclarecimento importante sobre a articulação entre os dois principais tipos de angústia encontrados na clínica ao longo do tratamento psicanalítico: de um lado, a *angústia de separação*, característica dos estágios pré-genitais, ligada a uma relação entre duas pessoas ou dual, e de outro, a *angústia de castração*, característica do complexo de Édipo, ligada à relação entre três pessoas ou relação triangular. De fato, podemos constatar, na clínica, que a elaboração da angústia de separação no nível pré-genital leva o analisando progressivamente a enfrentar a elaboração das angústias do nível genital, próprias do complexo de Édipo.

A situação traumática repetida, recordada, esperada

Para Freud, o ego não só forma os sintomas e as defesas com a finalidade de evitar o aparecimento da angústia e de ligá-la, mas, tendo ficado mais forte, também é capaz de prever, esperar e reproduzir de maneira atenuada o traumatismo, a fim de elaborá-lo. As repetidas experiências de satisfação modificam igualmente a angústia, e não podemos evitar de pensar na alternância das separações e dos reencontros na análise, ao citar a seguinte passagem: "São necessárias repetidas experiências reaseguradoras para que ela [a criança] aprenda que o desaparecimento da mãe é seguido geralmente por seu reaparecimento. A mãe encoraja o desenvolvimento deste conhecimento, de tanta importância para o lactente, fazendo com ele aquela brincadeira tão conhecida de esconder o rosto e depois, para sua alegria, mostrá-lo novamente. Nessas circunstâncias, ele pode sentir algo como a falta, sem que esta seja acompanhada pela angústia" (p. 99).

Relação entre perigo externo e perigo interno

Ao enfatizar o papel primordial do perigo da separação e da perda do objeto, bem como do perigo da castração na origem da angústia na neurose, Freud, deste modo, não está acentuando mais o perigo externo do que o perigo interno no aparecimento da angústia? Ele próprio responde a essa objeção: "Tode-se objetar que a perda do objeto (a perda do amor por parte do objeto) e a ameaça de castração são perigos que provêm de fora, da mesma forma como um animal feroz, por exemplo, e que, portanto, não são perigos pulsionais. Porém, os dois casos não são iguais. É provável que um lobo nos atacasse, independente de nosso comportamento em relação a ele, enquanto que a pessoa amada não nos retiraria seu amor e nem seríamos ameaçados de castração, se não alimentássemos em nosso íntimo certos sentimentos e certas

intencões. Assim, essas moções pulsionais se transformam em condições determinantes de perigo externo e por isso se tornam perigosas em si; podemos agora combater o perigo externo adotando medidas contra os perigos internos" (p. 71). Porém, o inverso também é possível, e Freud acrescenta que "freqüentemente uma exigência pulsional só se torna um perigo (interno) porque sua satisfação provocaria um perigo externo, isto é, porque este perigo interno representa um perigo externo" (p. 97). Definitivamente, em sua opinião, é a necessidade (pulsão) que explica o caráter traumático ou, ao contrário, perigoso da situação de perda do objeto (p. 99).

Ao contrário de J. Laplanche (1980), que considera "horrrível" o lugar que Freud atribui ao "real", a partir de 1926, creio que a nova posição de Freud dá uma resposta válida às perguntas propostas na clínica pela interação entre realidade e fantasia.

Os afetos de angústia, de dor e de luto

Ao terminar sua obra, Freud se indaga quando a separação do objeto produz angústia, quando produz luto e quando produz somente dor (pp. 98-99)? A dor aparece a partir do momento em que o objeto é conhecido e desde que o sujeito tenha necessidade do objeto (investimento "nostálgico"). De fato, segundo Freud, "a dor é a reação própria à perda do objeto, a angústia, e a reação ao perigo que essa perda acarreta e, por um deslocamento suplementar, a reação ao perigo da perda do próprio objeto" (p. 100). Quanto ao afeto de luto (normal), explica-o como outra reação afetiva à perda do objeto, "sob influência da prova de realidade, que exige de uma maneira imperiosa a separação do objeto, visto que ele não existe mais" (p. 102).

A cisão do ego, terceira teoria da angústia em Freud

Para dizer a verdade, não existem apenas duas teorias da angústia em Freud, há uma terceira, que surge mais tarde em sua obra, e que habitualmente não é considerada como tal. Conhecemos sua primeira teoria, segundo a qual a angústia provém da transformação direta da libido não satisfeita, e acabo de mencionar a segunda, de acordo com a qual a angústia vem da percepção do perigo pelo ego, perigo esse que significa a separação ou a perda do objeto. Em minha opinião, há uma terceira teoria da angústia em Freud, quando em 1938 ele declarou que a angústia aparece quando o ego se sente ameaçado em sua integridade. Eis o que Freud propõe, em *Esboço de psicanálise* (1940a [1938]): "O ego serve-se das sensações de angústia como um sinal de alarme, que lhe anuncia qualquer perigo que ameace sua integridade (fr. p. 76). Ou seja, não é somente o sujeito que, diante do perigo, sente um temor equivalente à perda da proteção de sua mãe; desta vez é o ego que, diante do perigo, teme perder sua própria integridade. Esta intuição de Freud está inserida em uma passagem na qual ele retoma, uma vez mais, a problemática da resposta do ego face a um perigo, seja de origem externa ou interna, e nesta última formulação acrescenta

que, diante de uma realidade insustentável, tanto externa como interna, o ego tende a se cindir, uma parte dele levando em consideração a realidade e a outra negando-a.

Penso que a segunda teoria freudiana da angústia, apresentada em *Inibição, sintoma e angústia*, em nada contradiz a terceira que acabo de mencionar, relacionada à negação e à cisão do ego. Muito pelo contrário, esta terceira teoria da angústia não só completa as hipóteses de 1926, como estabelece uma ligação entre as hipóteses contidas em *Inibição, sintoma e angústia* e as apresentadas em "Luto e melancolia". Na verdade a angústia, de que fala em 1926, pode ser considerada como sendo a angústia sentida pelo ego total, por uma pessoa total — isto é, o temor que o sujeito sente de separar-se de uma pessoa reconhecida como importante — enquanto que em 1938 o problema é de um ego que faz uso da negação e da cisão diante do perigo que ameaça sua própria integridade. Nesta última eventualidade, reconhecemos a cisão do ego, já descrita em 1917, na introjeção do objeto perdido, como defesa contra a perda de objeto, e a cisão do ego descrita em 1927, no fetichismo. Porém, em 1938, Freud acrescenta algo mais, em "Esboço de psicanálise" (1940a [1938]), ao atribuir a angústia ao temor do ego de perder sua própria integridade. Como já mencionei antes, isto quer dizer que a reação mais psicótica à separação seria o medo do aniquilamento, isto é, o medo do ego de perder sua integridade.

A influência de "Inibição, sintoma e angústia"

Os pontos de vista que Freud apresentou em 1926 em *Inibição, sintoma e angústia* foram em parte aceitos, em parte rejeitados e em parte passaram em silêncio (E. Kris, 1956; J. Bowlby, 1973). Determinadas contribuições de Freud foram amplamente desenvolvidas, dando nascimento ao movimento psicanalítico representado pela psicologia do ego. Outros aspectos foram contestados. Assim, J. Bowlby (1973) propõe uma hipótese referente à natureza do vínculo da criança com a mãe, baseada exclusivamente em uma teoria biológica do comportamento instintivo de apego, contrariamente a Freud que faz referência às "necessidades" e às "pulsões". Em compensação, para J. Laplanche (1980), Freud parece renunciar ao pulsional ao querer modificar, a partir de 1926, suas opiniões anteriores sobre a origem da angústia. Quanto à relação entre angústia e separação, ela praticamente desapareceu dos trabalhos de Anna Freud a respeito do ego e dos mecanismos de defesa (1936); em todo caso, ela não lhe atribui a importância que Freud lhe tinha dado. Os analistas kleinianos concedem um lugar importante, na clínica, à interpretação da angústia de separação, concordando, aí, com os pontos de vista de Freud, mas, para eles, a angústia é uma resposta direta ao trabalho da pulsão de morte. De uma maneira geral, não há nenhuma dúvida de que o conteúdo de *Inibição, sintoma e angústia* foi por muitos considerado, antes de tudo, como uma especulação teórica; entretanto, penso que se trata da elaboração de fenômenos clínicos observáveis cotidianamente no tratamento analítico, e que não puderam deixar de intrigar Freud.

O ponto de vista de Melanie Klein e de seus seguidores sobre a angústia de separação e de perda de objeto

Os fenômenos ligados à angústia de separação ocupam um grande espaço na teoria e prática de Melanie Klein e de seus seguidores. Sabemos que os trabalhos de M. Klein se inscrevem no prolongamento das primeiras pesquisas psicanalíticas empreendidas por K. Abraham a partir de 1911 sobre a depressão e os estados maníaco-depressivos. As pesquisas de K. Abraham, anteriores às de Freud, tinham estimulado este último em sua redação de "Luto e melancolia" (1917e [1915]).

Graças a sua experiência de análise com crianças muito pequenas e também à auto-análise de seus próprios lutos, Melanie Klein descobriu as raízes arcaicas da depressão na infância e atribuiu ao luto um papel central, não só na psicopatologia, como também no desenvolvimento normal.

Exporemos, resumidamente, o lugar da angústia de separação e de perda de objeto em M. Klein à luz das noções fundamentais por ela propostas, tais como as do complexo de Édipo precoce, das posições esquizo-paranóide e depressiva em relação à angústia, da identificação projetiva ou da inveja. Em seguida, discutiremos as contribuições de seus principais continuadores, em particular as de H. Rosenfeld, H. Segal, W. R. Bion e D. Meltzer.

I. A ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO E DE PERDA DE OBJETO EM MELANIE KLEIN

Em Melanie Klein, a angústia de separação e de perda de objeto inscreve-se no quadro de sua concepção de relações objetais e de sua própria teoria da angústia.

Para ela, no início da vida não existe, como para Freud (narcisismo primário), indiferenciação ego-objeto, porque a percepção do ego e do objeto existem desde o nascimento, e a angústia é uma resposta direta ao trabalho

interno da pulsão de morte. Esta angústia assume, segundo ela, duas formas: a angústia persecutória, que pertence à posição esquizo-paranóide, e a angústia depressiva, que pertence à posição depressiva. Como destaca H. Segal (1979): "A angústia fundamental postulada por Freud, relacionada à perda do objeto, podia ser vivida, segundo Melanie Klein, de qualquer das duas formas, ou ainda segundo uma combinação de ambas. Pode ser vivida de um modo paranóico, quando o objeto se torna mau e ataca, ou de um modo depressivo, quando o objeto permanece bom e a angústia é mais pela perda do objeto bom do que de ser atacado pelo objeto mau" (p. 126).

Sem querer retornar aqui à concepção das relações primitivas de objeto sobre a qual se fundamenta M. Klein para descrever a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva ao longo do desenvolvimento infantil, vamos, entretanto, situar resumidamente as angústias de separação e de perda de objeto, tais como se inscrevem no contexto desses dois tipos fundamentais de angústia definidos por ela.

Separação e perda de objeto na posição esquizo-paranóide e na posição depressiva

A primeira angústia da criança, descrita por M. Klein, é o medo de ser aniquilada pela pulsão de morte. É por isso que essa pulsão deve ser projetada para o exterior, e, a partir desta projeção primordial, vai se formar a fantasia do objeto mau que ameaça o ego de fora. O ódio se volta então para esse objeto externo mau, porém, como a totalidade da pulsão de morte não pode ser projetada, uma parte dela permanece sempre no interior. Por outro lado, devido à projeção e introjeção simultâneas, o objeto persecutório torna-se ameaçador no interior, ao lado do objeto bom protetor introjetado. O medo de aniquilamento descrito por M. Klein como sendo a primeira angústia, como destaquei mais acima, não deixa de ter analogia com a primeira situação de perigo para o ego descrita por Freud em 1926, isto é, o medo de ser submergido por uma excitação excessiva e não controlável.

Na posição esquizo-paranóide, a angústia predominante é de que o perseguidor destrua ao mesmo tempo o ego (*self*) e o objeto idealizado. Assim, para se proteger dessa angústia, o ego se utiliza de mecanismos esquizoideais tais como o reforço da cisão entre o objeto idealizado e o objeto mau, bem como a idealização excessiva e a negação onipotente utilizadas como defesas contra os medos de perseguição. H. Segal sublinha que "nesse estágio primitivo de desenvolvimento, não existe a experiência da ausência e a falta do objeto bom é vivenciada como um ataque dos objetos maus. (...) A frustração é vivida como perseguição, enquanto as boas experiências se baseiam na fantasia de um objeto ideal, reforçando-o" (1979, p. 110).

Na posição depressiva, as angústias surgem da ambivalência: o lactente tem medo sobretudo de que seu ódio e suas pulsões destrutivas aniquilem o objeto que ele ama e do qual depende totalmente. A descoberta de sua dependência em relação ao objeto — que percebe como autônomo e capaz de

ir embora — aumenta nele a necessidade de possuir o objeto, de conservá-lo dentro de si e, se possível, de protegê-lo contra sua própria destrutividade. Como a posição depressiva começa na fase oral do desenvolvimento, na qual amar é devorar, a onipotência dos mecanismos de introjeção leva ao medo de que as pulsões aniquilem não somente o objeto bom externo, mas também o objeto bom introjetado, transformando o mundo interno em caos.

Se o lactente estiver mais integrado, pode se lembrar do amor pelo objeto bom e conservá-lo mesmo quando o odeia. A mãe é amada e o lactente pode se identificar com ela; sua perda é então severamente sentida, e uma nova gama de sentimentos aparece. Como diz M. Klein, em "Contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos" (1935): "Ao ultrapassar essa etapa, o ego atinge uma nova posição, que forma os fundamentos da situação chamada de perda do objeto. A perda do objeto só pode ser sentida como uma perda total depois que ele tenha sido amado como um objeto total" (p. 313). Nessa situação, o lactente vivencia não só sentimentos de perda, de tristeza e de falta do objeto bom sentido como perdido, mas também um sentimento de culpa, proveniente do perigo que ameaça o objeto interno, como sendo devido às suas próprias pulsões e fantasias. O lactente se acha exposto, assim, ao "desespero depressivo", segundo a expressão de H. Segal (1964): "Ele se lembra que amou sua mãe, e, sem dúvida ainda a ama, mas sente que a devorou ou a destruiu, de modo que não pode mais dispor dela no mundo externo. Mais ainda, a destruiu também como objeto interno, que agora sente estar em pedaços" (pp. 53-54). Há uma constante flutuação entre a angústia persecutória, quando o ódio é mais forte, e a angústia depressiva, quando o amor vence o ódio (M. Klein, 1940).

A elaboração da posição depressiva visa a estabelecer, no âmago do ego do lactente, um objeto interno total suficientemente estável. Quando não o consegue, a criança corre o risco de apresentar distúrbios psíquicos de tipo paranóide ou maníaco-depressivo. É por isso que a posição depressiva marca um momento capital entre o ponto de fixação das psicoses e o das neuroses.

Embora M. Klein tenha descrito inicialmente a posição esquizo-paranóide como anterior à posição depressiva, no decurso do desenvolvimento, ela parece ter evoluído em seu modo de pensar, considerando que a posição depressiva podia estar presente desde o início. Assim, atualmente consideramos as noções de posição como referentes mais a estados momentâneos de organização do ego, que sofrem incessantes flutuações, do que à organização que se instalava de maneira cronológica ao longo das fases de desenvolvimento infantil.

A defesa maníaca

Nesse mesmo artigo de 1935, M. Klein descreve novas defesas frente ao temor da separação e da perda de objeto, as quais chama de defesas maníacas, e cuja característica é a tendência a negar a realidade psíquica da dor depressiva. Estas defesas se instalam no decurso da posição depressiva. O objeto é controlado de maneira onipotente, tratado com triunfo e desprezo para

que sua perda não produza nem sofrimento, nem culpa. Alternativa ou simultaneamente, pode haver uma fuga para o objeto interno idealizado, acompanhada de negação de qualquer sentimento de destruição e de perda. Estas defesas fazem parte da evolução normal, mas se forem excessivas e durarem tempo demais, impedirão o desenvolvimento de uma relação com um objeto total bom e a elaboração da posição depressiva (H. Segal, 1979, p. 75).

A defesa maníaca desempenha um papel de primeiro plano nas defesas contra a angústia de separação, quando das interrupções do encontro analítico, e constituem o núcleo de inúmeras reações que visam a negar a dor depressiva e a perda, particularmente as atuações (*acting-out*), que podem ser consideradas como fuga para os objetos externos idealizados.

Realidade externa e realidade psíquica

Para M. Klein, a realidade externa e a realidade interna ou psíquica estão em constante inter-relação, e as experiências de separação ou de perda em relação a objetos reais influenciam as experiências psíquicas, mas sempre de maneira indireta, através das relações de fantasia inconsciente com os objetos internos. Em sua opinião, as frustrações ou as ameaças contra a satisfação das necessidades da criança são sempre sentidas como provenientes do objeto que, por isso, torna-se persecutório, e este perseguidor externo será imediatamente internalizado como um perseguidor interno: o objeto mau internalizado.

Entretanto, inversamente, as experiências positivas com a realidade influenciam favoravelmente as relações com os objetos internalizados. Assim, os processos de luto ligados à posição depressiva são influenciados pelas experiências positivas com os objetos reais. A prova da realidade permite à criança superar suas angústias, por exemplo, ao verificar que suas fantasias de destruição não se realizaram. Ao desenvolver suas idéias sobre o papel desempenhado pela culpa e pela reparação no desenvolvimento psíquico, M. Klein mostrará como os desejos e as fantasias de restauração permitem constituir um objeto interno bom. Nesse processo, a realidade do reaparecimento da mãe é essencial para a criança, como sublinha H. Segal (1979): "seu reaparecimento a reassigura quanto ao vigor e ao poder de recuperação de seus objetos, e sobretudo diminui sua crença na onipotência de sua própria hostilidade e aumenta sua confiança nos poderes reparadores de seu amor. Se a mãe não reaparece ou se falta seu amor, a criança pode ficar à mercê de seus medos depressivos e persecutórios" (p. 76). Efetivamente em crianças ou em adultos que sofrem de depressão e se sentem ameaçados quanto à posse de objetos bons internos, o medo de perder o objeto "bom" internalizado se torna fonte de perpétua angústia diante da morte possível da mãe real, e, reciprocamente, toda experiência que faça pensar na perda do objeto amado real aumenta o medo de perder também o objeto internalizado.

Em sua síntese dos pontos de vista de M. Klein sobre o lugar da angústia de separação e de perda de objeto na criança, J. Manzano (1989) destaca que devemos acrescentar, às fontes externas e internas de angústia na criança, duas

outras fontes externas mencionadas por M. Klein, que habitualmente são pouco consideradas. Uma delas é o temor de que a perda da mãe constitua, ao mesmo tempo, a perda de uma "primeira linha de defesa", porque a mãe constitui, para a criança, uma possibilidade de conter suas angústias "permutando-lhe particularmente projetar e deslocar sobre ela 'as partes do self' e os objetos maus, e compará-los assim com a realidade, para poder em seguida reintegrá-los modificados" (p. 251). Na mesma ordem de idéias, J. Manzano também sublinha o papel desempenhado pela mãe enquanto objeto "presença da mãe", como o chama M. Klein — "quinto objeto" em relação aos quatro outros por ela descritos, segundo Baranger (1980). Esse objeto "presença da mãe" possui referências imediatas com o real assim como com a percepção e "por isso, interessa-nos muito especialmente quando consideramos as reações de separação determinadas pela presença física da mãe" (p. 250).

Separação e perda no desenvolvimento infantil

Durante o desenvolvimento, toda criança experimenta situações de separação ou de perda que representam para ela uma ameaça, e nessa perspectiva qualquer etapa do desenvolvimento implica uma perda. As primeiras e mais importantes são, para M. Klein, o nascimento e o desmame. O desmame constitui o protótipo de todas as perdas sucessivas posteriores e, por representar particularmente a perda do seio idealizado, desencadeia uma reação de luto, acompanhada de tristeza e de nostalgia, o que o torna um elemento essencial da posição depressiva.

À medida que a criança se desenvolve, essas perdas são vivenciadas cada vez menos de modo persecutório (angústia de perda do ego e de ser atacada pelo objeto mau) e cada vez mais de modo depressivo (medo de perder o objeto bom internalizado). Sempre que houver uma perda, ao longo da existência, os sentimentos depressivos serão reativados. H. Segal (1979) resume assim essas etapas da vida: "Na aprendizagem do controle esfinteriano, a criança precisa renunciar às fezes internas idealizadas; o andar e o falar também implicam o reconhecimento de si-próprio como individualidade separada. Na adolescência, a dependência infantil deve ser abandonada; na idade adulta, é preciso enfrentar a perda de seus próprios pais e de figuras parentais e, pouco a pouco, a perda de sua própria juventude. A cada etapa do desenvolvimento, é preciso escolher novamente entre regressar, para fugir da dor depressiva, em direção a um modo de funcionamento esquizo-paranoide, ou elaborar essa dor depressiva para permitir que o desenvolvimento se complete. Nesse sentido, podemos dizer que a posição depressiva nunca é totalmente elaborada: a elaboração completa da posição depressiva levaria a algo como a perfeita maturidade. Porém, o grau alcançado de elaboração da depressão e de integração dos bons objetos internos pelo ego determinam a maturidade e o equilíbrio do indivíduo" (p. 130). Falarei novamente sobre a noção de integração no último capítulo, que trata do artigo de M. Klein "Sobre o sentimento de solidão" (1959).

A interpretação na situação analítica

Na situação analítica, as reações às separações são compreendidas por M. Klein como despertando angústias paranóides e angústias depressivas. Ela e seus seguidores atribuem grande importância à análise minuciosa e precisa das fantasias, bem como dos movimentos pulsionais e defensivos transferenciais que surgem por ocasião das interrupções do encontro analítico.

Tanto para a criança como para o adulto, M. Klein interpreta, por exemplo, o temor de ser abandonado no momento das interrupções, de maneiras muito diferentes, de acordo com o contexto transferencial e o sentimento que estiver predominando: este sentimento pode ser o de que o objeto o abandona devido às fantasias agressivas inconscientes dirigidas contra ele, e então o analisando sente-se entregue ao objeto mau (angústias paranóides), ou o sentimento do analisando pode ser o temor de perder a segurança fornecida pelo objeto bom internalizado (angústias depressivas). São então analisados os modos específicos de defesas, particularmente as defesas maníacas, por exemplo, bem como a maneira pela qual é utilizada *hic et nunc* a identificação projetiva para lutar contra o temor de ser separado do objeto ou de perdê-lo.

Narcisismo, identificação projetiva e inveja

As idéias de M. Klein evoluíram e trouxeram outros desenvolvimentos que vieram completar os já fornecidos pelas noções de angústias esquizo-paranóides e angústias depressivas, na compreensão das relações de objeto. M. Klein introduziu particularmente os conceitos de identificação projetiva e de inveja, que esclarecem de uma maneira nova o papel desempenhado pelo narcisismo enquanto defesa contra a percepção do objeto como separado e diferente.

As implicações do narcisismo como defesa contra a angústia paranóide, contra a angústia depressiva e contra a inveja e suas transfigurações foram descritas sobretudo pelos psicanalistas pós-kleinianos, especialmente H. Rosenfeld, H. Segal, W. R. Bion e D. Meltzer. Ainda que M. Klein pouco tenha falado sobre o narcisismo, essa noção está presente em seus escritos, como mostram H. Segal e D. Bell em um estudo sobre a teoria do narcisismo em Freud e em Klein (no prelo). Assim, quando M. Klein descreve a identificação projetiva em "Notas sobre alguns mecanismos esquizóides" (1946), ela diz explicitamente que, quando a relação é baseada na projeção das partes "boas" ou das partes "más" do self para dentro de uma outra pessoa, "ela é de natureza narcísica, porque, também neste caso, o objeto representa sobretudo uma parte do self" (p. 287). Do mesmo modo, a referência ao narcisismo está contida em "Inveja e gratidão" (1957), quando M. Klein mostra como a identificação projetiva é um meio de realizar os objetivos da inveja, ao mesmo tempo que é uma defesa contra a inveja. É, por exemplo, o caso do sujeito invejoso que se introduz em um objeto e se apossa de suas qualidades.

Entretanto, quando ela faz essa aproximação, não se refere ao narcisismo, embora nesse trabalho esteja implícito que deve haver uma relação íntima entre narcisismo e inveja, como observou H. Segal (1983).

Se resumirmos as sucessivas contribuições de M. Klein, aplicando-as à clínica e à evolução da transferência, podemos dizer que assistimos a um vaivém constante, no decurso do processo psicanalítico: vê-se, em primeiro lugar, como a separação mobiliza primeiramente a identificação projetiva onipotente com o objeto, a fim de lutar contra a percepção do objeto separado. Em seguida, a percepção do objeto como diferente e sexuado mobiliza a inveja, que, progressivamente, se transformará em ciúme em relação à cena primitiva. Daí então, sentir-se separado assume uma outra significação: a mãe não é mais percebida como sendo unicamente posse da criança, mas sim formando um casal com o pai, e em consequência aparecerá um sentimento de exclusão em relação à sexualidade dos pais, acompanhado de um desejo de se identificar com eles no contexto do complexo de Édipo.

2. H. ROSENFELD: IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA E ESTRUTURA NARCÍSICA

A partir dos trabalhos de M. Klein sobre as relações de objeto arcaicas, Herbert Rosenfeld examina o papel desempenhado pela onipotência, pela identificação introjetiva e projetiva, assim como pela inveja como defesas contra o reconhecimento da separação entre o ego e o objeto. Ele define assim uma estrutura narcísica da personalidade, tal como é encontrada em psicanálise, distinguindo dois tipos de narcisismo, o narcisismo libidinal e o narcisismo destrutivo.

Identificação projetiva e inveja, fontes de confusão ego-objeto

Em 1947, a respeito do primeiro caso de psicose tratado por uma técnica puramente psicanalítica, H. Rosenfeld demonstrou como uma análise fazia uso da identificação projetiva para se defender contra as angústias, particularmente contra aquelas relacionadas à separação das férias e à ideia do término da análise. Ele atribuiu os momentos de despersonalização dela às fantasias que visavam a introduzir-se à força dentro do analista, para obter tudo o que desejava, às custas de lá se perder e de se sentir morta ou desintegrada.

Em 1964, H. Rosenfeld desenvolveu suas ideias sobre o narcisismo em seu artigo "Da psicopatologia do narcisismo: uma aproximação clínica". Nesta contribuição, que marca uma etapa na concepção psicanalítica do narcisismo, ele examina a natureza das relações objetais nos pacientes narcisistas e os mecanismos de defesa ligados a elas. H. Rosenfeld considera que os fenômenos clínicos descritos por Freud como sendo experiências de narcisismo primário, isto é, sem objeto, deveriam ser considerados mais como relações de objeto

primitivas. Em sua opinião, o narcisismo se baseia na onipotência e na idealização do *self*, obtidas por intermédio da identificação introjetiva e projetiva com o objeto idealizado. M. Klein havia descrito a identificação com o seio idealizado por introjeção e projeção, como um "estado" narcísico (1946), enquanto H. Rosenfeld, a partir de então, fala de uma *estrutura* que se organiza. Esta identificação com o objeto idealizado conduz à negação da diferença ou dos limites entre o *self* e o objeto, porque, segundo H. Rosenfeld, "nas relações de objeto narcísicas, as defesas contra todo o reconhecimento da separação existente entre o *self* e o objeto desempenham um papel determinante" (p. 221). H. Rosenfeld atribui igualmente um papel essencial à inveja nos fenômenos narcísicos. Para ele, a inveja contribui para o reforço das relações de objeto narcísicas de duas maneiras: por um lado, a posse onipotente do seio idealizado constitui uma realização das finalidades da inveja, porque "quando a criança se apossa onipotentemente do seio materno, este não poderia nem frustrá-la, nem despertar sua inveja" (p. 222); por outro lado, a identificação com o objeto idealizado protege contra o aparecimento do sentimento de inveja. No decorrer da análise, quando essa relação narcísica começa a ser elaborada e aparece a consciência da separação, o reconhecimento do objeto faz surgir a inveja, quando é percebido o caráter "bom" do objeto. A percepção do objeto separado pode então conduzir a um retorno ao narcisismo por meio da identificação projetiva, a fim de possuir novamente o objeto invejado e evitar o sentimento de inveja e de dependência em relação ao objeto. O vaivém entre posições narcísicas e posições em que o objeto é reconhecido pode ser analisado de maneira minuciosa na relação transferencial.

Narcisismo libidinal e narcisismo destrutivo

Continuando sua pesquisa sobre os estados narcísicos, H. Rosenfeld introduz uma distinção entre o que chama de narcisismo libidinal e narcisismo destrutivo, em um artigo intitulado "Os aspectos agressivos do narcisismo: uma abordagem clínica da teoria das pulsões de vida e de morte" (1971). Destaca que quando a posição narcísica em relação ao objeto é abandonada, torna-se inevitável a agressividade contra ele, e a persistência do narcisismo é devida à força das pulsões destrutivas invejosas. Na maior parte dos pacientes os aspectos libidinais e os aspectos destrutivos do narcisismo existem lado a lado, e a violência das pulsões destrutivas varia. A diferença entre essas duas formas de narcisismo depende, segundo ele, do grau de predominância da pulsão de morte sobre a pulsão de vida.

No narcisismo libidinal, a supervalorização do *self* está baseada em identificações introjetivas e projetivas com objetos idealizados, de modo que o sujeito narcísico sente que tudo o que tem valor nos objetos externos faz parte dele. Enquanto o objeto externo for percebido como fazendo parte do *self*, o paciente não percebe o objeto, mas quando o objeto externo for reconhecido, sua percepção desencadeia o ódio e o desprezo: "A destrutividade se torna aparente quando a idealização onipotente da personalidade é ameaçada pelo

contato com um objeto que é percebido como separado dela" (p. 213). O paciente sente-se humilhado assim que percebe que o objeto externo possui qualidades. Entretanto, quando o rancor pode ser analisado, a inveja é vivida conscientemente, e "o paciente se torna consciente de que o analista é uma pessoa do mundo externo preciosa para ele" (p. 213).

Quando os aspectos destrutivos prevalecem, a inveja é mais violenta e se apresenta como um desejo de destruir o analista, porque ele representa o objeto que é a verdadeira fonte do que é vivo e bom. Ao mesmo tempo, surgem violentas pulsões autodestrutivas, e o paciente narcísico se imagina auto-suficiente, pensa que deu vida a si mesmo e não precisa de pais, que pode se alimentar sozinho e não depender de ninguém. Confrontados com a realidade de sua dependência em relação ao analista, certos pacientes então preferem não existir mais e destruir os progressos da análise, ou estragar seus sucessos profissionais ou suas relações pessoais. Em certos pacientes, o desejo de morrer é idealizado como solução para todos os problemas, expressão em estado puro da pulsão de morte em desfusão.

Tanto no narcisismo libidinal como no destrutivo, são as relações de objeto libidinais positivas que são atacadas e odiadas, isto é, a necessidade de estabelecer relações "boas" e o desejo de aceitar a ajuda dos outros. Para estes pacientes narcísicos, ter necessidade de ajuda e de amor é uma humilhação insuportável, e quando o analista o faz tomar consciência de sua necessária dependência dos outros, isso é sentido por eles como uma submissão que põe em perigo sua superioridade. As partes destrutivas e invejosas podem agir silenciosamente e se dissimular atrás da aparente indiferença dos sujeitos narcísicos em relação aos objetos do mundo externo. Às vezes essa destrutividade é manifesta e ruidosa e a cisão pode ir até o ponto em que quase a totalidade da personalidade se identifica com a parte destrutiva onipotente, e a parte libidinal do *self* é projetada para dentro do analista, que então é atacado. Mas esse ataque contra o analista é um ataque que visa também aos aspectos libidinais do próprio paciente, identificados projetivamente no analista. Esta cisão extrema seria, segundo H. Rosenfeld, um efeito da desfusão entre a pulsão de vida e a pulsão de morte.

Seja qual for a força das pulsões destrutivas, é essencial encontrar clinicamente um acesso à parte libidinal dependente, de modo a atenuar a influência do ódio e da inveja e permitir assim que o paciente estabeleça boas relações de objeto. "Quando este problema é elaborado na transferência e as partes libidinais do paciente readquirem vida para ele, aparece então uma preocupação pelo analista, que ocupa o lugar da mãe, o que atenua as pulsões destrutivas e reduz o perigo da desfusão" (p. 214).

As pesquisas de H. Rosenfeld permitiram explorar detalhadamente as relações de objeto arcaicas que estão na base da estrutura narcísica de muitos analisandos e elaborar, por exemplo, por que alguns deles jamais aceitam a separação, parecem indiferentes às ausências do analista, porque não admitem

a presença do objeto, e seu desejo inconsciente é o de serem contidos, alimentados e satisfeitos durante toda sua vida.

3. H. SEGAL: NARCISISMO, DIFERENCIAÇÃO EGO-OBJETO E SIMBOLIZAÇÃO

As contribuições clínicas e teóricas de Hanna Segal à questão de que nos ocupamos referem-se à questão do narcisismo e suas relações com a inveja e a pulsão de morte, e, também, ao papel da diferenciação entre o ego e o objeto na formação do símbolo.

Narcisismo: expressão da pulsão de morte

Os pontos de vista de Hanna Segal sobre o narcisismo são semelhantes aos de Rosenfeld, mas divergem em um ponto: o da distinção que ele faz entre narcisismo libidinal e narcisismo destrutivo. Para H. Segal, fundamentalmente, todo narcisismo patológico persistente se baseia na pulsão de morte e na inveja. Embora elementos libidinais inevitavelmente entrem na fusão pulsional, essa persistência do narcisismo se deve à predominância da pulsão de morte (H. Segal, 1983).

H. Segal pensa que o conceito de pulsão de vida e de pulsão de morte pode ajudar a resolver o problema da hipótese do narcisismo primário apresentada por Freud. Compara as concepções de Freud e de Klein a esse respeito: segundo Freud, no narcisismo primário a criança se sente a fonte de todas as satisfações, e conseqüentemente a descoberta do objeto faz surgir o ódio; segundo M. Klein, o que surge no momento da descoberta do objeto é a inveja. Se aceitamos a hipótese freudiana do narcisismo primário, a descoberta da qualidade boa do objeto externo surgiria em um período relativamente tardio e conduziria à raiva narcísica, tendo o ódio pelo objeto sua origem na negação do mundo externo, negação que emana do ego narcísico (Freud, 1915d, p. 266). Se aceitarmos, como M. Klein, que temos desde o nascimento a capacidade de reconhecer o objeto externo, a raiva narcísica seria, então, uma expressão da inveja. Concluindo, H. Segal declara que o narcisismo pode ser considerado uma defesa contra a inveja, e estar relacionado mais com a ação da pulsão de morte e da inveja, do que com a ação das pulsões libidinais (H. Segal, 1983). Quanto à pulsão de vida, para H. Segal, esta inclui o amor pelo *self* e o amor pelos objetos que dão a vida. A relação com o objeto idealizado, que é a primeira expressão da pulsão de vida, não dá origem a um narcisismo persistente: é um estado temporário, qualificado intuitivamente por Klein de "estado narcísico". Essa relação evolui no sentido de um objeto interno "bom" e não mais idealizado, e que está na base do amor pelo *self* e do amor pelos objetos, internos e externos. Contrariamente, a pulsão de morte e a inveja dão

origem a relações de objeto e a estruturas internas destrutivas e autodestrutivas.

Em sua contribuição para o simpósio FEP de 1984 sobre a pulsão de morte, "Da utilidade clínica do conceito de pulsão de morte", H. Segal (1986) explorou ainda mais a idealização da morte nos pacientes narcísicos. Em alguns deles, a idealização do narcisismo assume a forma de idealização da morte e de ódio à vida. A morte lhes parece, de uma forma delirante, a melhor solução para resolver suas dificuldades, porque ela é sentida como um estado ideal no qual esses pacientes acreditam obter a libertação de todas as frustrações e aborrecimentos da existência. Segal também estabelece uma comparação entre o "núvã" descrito por Freud (1920g) como o pólo sedutor da pulsão de morte, e o desejo de aniquilamento, não apenas do objeto, mas também do *self*, que surge como defesa contra a dor proveniente da percepção do objeto. H. Segal descreve como as reações emocionais extremas de uma analisanda são acompanhadas do desejo de aniquilar simultaneamente os objetos externos e o *self* que percebe, a fim de não ter percepções ou pulsões que possam provocar frustrações ou angústias. Nessa perspectiva, segundo Segal, os objetivos da pulsão de morte coincidem com os da inveja, existindo uma estreita relação entre ambos: "O aniquilamento é ao mesmo tempo expressão do instinto de morte na inveja e uma defesa contra a experiência de inveja pelo aniquilamento do objeto invejado e do *self* que deseja o objeto". Entretanto, H. Segal também mostra nessa contribuição que, em circunstâncias favoráveis, uma confrontação com a pulsão de morte pode mobilizar igualmente a pulsão de vida.

Como emergir do narcisismo? indaga-se H. Segal. Em sua opinião, só se consegue emergir de tais estruturas narcísicas e estabelecer relações de objeto estáveis, não narcísicas, "negociando" a posição depressiva. De fato, é na posição depressiva que se pode estabelecer uma diferenciação entre *self* e objeto: "A passagem para a posição depressiva é a passagem para uma situação em que o amor e a gratidão pelo bom objeto externo e interno podem se opor ao ódio e à inveja por tudo aquilo que é bom e que é sentido como exterior ao *self*. A integração e a separação crescentes, que resultam da redução das projeções, permitem o amor por um objeto percebido objetivamente. Isso também permite que o objeto fique fora do controle do sujeito e em relação com outros objetos. Assim, por definição, a capacidade de negociar a posição depressiva implica uma capacidade de negociar o complexo de Édipo e assegura uma identificação com um casal de pais criador" (H. Segal e D. Bell, 1989).

Perda de objeto e formação do símbolo

Os processos de simbolização desempenham um papel central na capacidade de elaborar a separação e a perda de objeto, e Hanna Segal (1957, 1978) mostrou especialmente como o símbolo serve para superar uma perda aceita, enquanto a equação simbólica é utilizada para negar a separação entre sujeito e objeto.

Em sua opinião, o processo de simbolização requer uma relação entre três termos — o ego, o objeto e o símbolo — e a formação do símbolo desenvolve-se progressivamente na passagem da posição esquizo-paranoide para a posição depressiva.

No decurso do desenvolvimento normal, na posição esquizo-paranoide que funciona no começo da vida, o conceito de ausência praticamente não existe, e os primeiros símbolos são formados por identificação projetiva, o que resulta na formação de *equações simbólicas*. H. Segal introduziu o termo equação simbólica para designar os símbolos iniciais, que são de natureza muito diferente dos símbolos formados posteriormente. De fato, os primeiros símbolos não são sentidos pelo ego como símbolos ou substitutos, mas como o próprio objeto original. No decorrer do desenvolvimento psíquico, perturbações na diferenciação entre o ego e o objeto levam a perturbações na diferenciação entre o símbolo e o objeto simbolizado. É por isso que a equação simbólica é a base do pensamento concreto característico das psicoses (1957, p. 100).

Na posição depressiva, existe um grau maior de diferenciação e de separação entre o ego e o objeto, e após repetidas experiências de perda, de recuperação e de re-criação, um objeto bom é estabelecido com segurança dentro do ego. Então, de acordo com H. Segal, o símbolo é utilizado para superar uma perda que foi aceita porque o ego se tornou capaz de renunciar ao objeto, fazer seu luto, e o símbolo é então percebido como uma criação do ego. Entretanto, este estágio não é irreversível, porque, nos momentos de regressão, o simbolismo pode retomar uma forma concreta, mesmo nos indivíduos não psicóticos.

H. Segal também sublinha que a possibilidade de formar símbolos governa a capacidade de comunicação, tanto a comunicação com o exterior como a comunicação interior, já que toda comunicação é feita por meio de símbolos. Nas perturbações da diferenciação entre o sujeito e o objeto, os símbolos são percebidos de modo concreto, não estando disponíveis para fins de comunicação, o que constitui uma das dificuldades da análise de pacientes psicóticos. Ao contrário, a capacidade de simbolizar adquirida na posição depressiva é utilizada para lidar com os conflitos anteriores não resolvidos, simbolizando-os, de modo que as angústias que permaneceram cindidas no ego — ligadas às relações de objeto arcaicas — possam ser gradualmente manejadas pelo ego, por meio da simbolização.

Implicações clínicas das contribuições de H. Rosenfeld e H. Segal

Os desenvolvimentos acrescentados por H. Rosenfeld e H. Segal à concepção kleiniana de relações de objeto primitivas, que constituem o narcisismo, tiveram repercussões consideráveis na técnica psicanalítica. As relações entre as partes narcísicas e não narcísicas da personalidade se constituíram em um aspecto essencial do trabalho de elaboração psíquica, não só nos analisandos psicóticos ou narcísicos, mas também nos menos perturba-

comunicação da criança, fazendo dela o ponto de partida da atividade de pensar e de elaborar a angústia.

Para M. Klein, a identificação projetiva constitui uma defesa primitiva que funciona desde os primeiros meses de vida, fazendo parte do desenvolvimento emocional do lactente. Para ela, trata-se de uma fantasia onipotente através da qual o lactente se descarrega de certas partes indesejáveis (ou às vezes desejáveis) de sua personalidade e de seu mundo interno, projetando-as para dentro do objeto externo. M. Klein havia evocado o papel da mãe como objeto externo — o objeto no qual é defletida a pulsão de morte, por exemplo — mas W. R. Bion decreverá de maneira muito mais precisa a importância do papel desempenhado pela mãe enquanto objeto externo receptor das angústias e emoções incontroláveis do bebê, transformando-as e tornando-as toleráveis para ele.

W. R. Bion estabelece uma analogia entre a situação analista-analisando na sessão, e a situação mãe-filho, destacando que o analista, assim como a mãe, não é um receptor passivo, mas desempenha um papel ativo nos processos de pensamento e de elaboração da angústia, na medida em que esses processos dependem da qualidade do continente, isto é, do analista, assim como da mãe.

Na relação mãe-filho, o modelo continente-contido pode ser utilizado para representar tanto o êxito como o fracasso da identificação projetiva. Quando mãe e bebê estão adaptados um ao outro, a identificação projetiva é utilizada pelo lactente para despertar em sua mãe sentimentos dos quais quer se desembaraçar. Assim, o lactente quando está angustiado porque tem fome, pode começar a gritar ou a chorar. Se sua mãe pode compreendê-lo e agir em função da demanda da criança, por exemplo, pegando-a no colo, alimentando-a e consolando-a, a criança tem a sensação de ter se livrado de alguma coisa insuportável, colocando-a dentro de sua mãe, e que esta fez dessa coisa algo suportável. Assim, o lactente pode reintrojetar sua angústia tornando tolerável, reintrojetando também a função dessa mãe que pode conter e pensar. A mãe funciona então como um continente das sensações do lactente e, por sua maturidade psíquica, assume o papel de um objeto bom que transforma a fome em satisfação, a solidão em companhia, a avidez e a maldade em sentimento de angústia em vitalidade e confiança, a avidez e a maldade em sentimento de amor e generosidade; o bebezinho mama e se reapropria assim de suas más possessões, uma vez que foram transformadas em bondade" (1963, p. 36).

A "capacidade de rêverie"

A essa faculdade da mãe de acolher as identificações projetivas do lactente, W. R. Bion chamou de "capacidade de rêverie". A capacidade de rêverie é inseparável do conteúdo, porque um depende do outro, e a qualidade psíquica do conteúdo é transmitida por meio dos canais de comunicação que estabelecem os vínculos com a criança. Depois, tudo dependerá da natureza da qualidade psíquica materna e de seu impacto sobre as qualidades psíquicas do lactente. "Se a mãe que alimenta não tiver capacidade de rêverie ou se a rêverie

dos. Por outro lado, essas pesquisas chamaram a atenção para a grande variedade de pulsões e de defesas em jogo no narcisismo, algumas dessas defesas dirigidas contra a separação, outras, contra a diferenciação entre ego e objeto.

Também no plano da técnica, essas pesquisas demonstraram a utilidade de se analisar imediatamente, *durante a sessão*, e de maneira minuciosa, os mecanismos narcísicos que surgem na relação entre analisando e analista — particularmente os que são erigidos contra a angústia de separação e de diferenciação — a fim de evitar que apareçam, fora das sessões, reações por vezes catastróficas.

A evolução das tendências narcísicas em relação ao reconhecimento do objeto, longe de ser uma evolução linear, é feita essencialmente de incessantes movimentos progressivos e regressivos, um passo para a frente e um para trás. À medida que a onipotência e a inveja vão diminuindo, o analisando fica menos perseguido por seus objetos invejosos, adquire uma relação mais confiante com os bons objetos internos e a passagem da posição esquizo-paranoide para a posição depressiva se faz gradativamente. Surge, então, um sentimento de qualidade diferente, a de sentir frustração e desejo em relação à sexualidade dos pais, no contexto do complexo de Edipo.

4. W. R. BION: VICISSITUDES DA RELAÇÃO CONTINENTE-CONTIDO

W. R. Bion contribuiu com idéias novas e fundamentais, e podemos considerar as noções de continente-contido e de "capacidade de rêverie" como pré-condições necessárias para tolerar as angústias, em particular as angústias de separação. De acordo com as idéias de W. R. Bion, para que o analisando possa tolerar a angústia de separação e introjetar essa função, é indispensável que tenha a experiência de um psicanalista que possa compreendê-lo, contê-lo. É preciso que o analista receba a identificação projetiva e saiba utilizá-la. Tomemos o exemplo de um analisando que chega atrasado, fazendo o analista esperar-lo: se o analista for capaz de perceber o valor de comunicação deste atraso e de interpretar tudo o que o analisando acredita que o analista tenha sentido durante sua ausência, permitirá que o analisando, por sua vez, introjete um analista capaz de tolerar a angústia e de elaborá-la.

A identificação projetiva como meio de comunicação

W. R. Bion deu um desenvolvimento original à noção de identificação projetiva introduzida por M. Klein (1946), enriquecendo-a com uma nova significação. Não só distinguiu uma forma normal e uma forma patológica, como considerou a identificação projetiva como sendo o primeiro meio de

se dá, mas não é associada ao amor pela criança ou pelo pai, essa situação será transmitida ao lactente, ainda que lhe seja incompreensível" (*O aprender com a experiência*, 1962b, p. 52). A *rêverie*, para W. R. Bion, é um estado de mente receptivo a qualquer "objeto" proveniente do objeto amado, um estado mental capaz de acolher as identificações projetivas do lactente, sejam elas sentidas por ele como boas ou como más.

O conjunto do funcionamento mãe-filho contribui para formar o início do pensamento, e dois mecanismos principais entram na formação do aparelho de "pensar os pensamentos". O primeiro é representado pela relação dinâmica entre algo que é projetado, um *contido* (marcado com o sinal masculino σ), e um objeto que o contém, um *contínente* (marcado com o sinal feminino φ). O segundo mecanismo é o representado pela relação dinâmica que oscila entre a posição esquizo-paranoide e a posição depressiva.

O bom funcionamento da relação continente-contido entre a mãe e a criança permite a esta internalizar as boas experiências e introjetar um "casal feliz", constituído por uma mãe cuja função continente (função alfa) serve de receptáculo para as emoções da criança — que constituem o conteúdo — colocadas, por identificação projetiva, dentro daquela. Essa função é, como veremos mais adiante, a fonte da atividade de pensamento, porque "a atividade de pensamento depende da introjeção bem-sucedida do seio bom que, originalmente, é o responsável pela performance da função alfa" (p. 37).

W. R. Bion distingue duas funções da personalidade: a função alfa e a função beta, para explicar certos fatos clínicos. A função alfa tem por finalidade transformar as impressões sensoriais em "elementos alfa", que servem para formar o pensamento onírico, as impressões da vigília e as recordações. Os "elementos beta", pelo contrário, não servem para pensar, sonhar ou recordar, e não exercem nenhuma função no aparelho psíquico, sendo expulsos através da identificação projetiva; os elementos beta predominam nos pacientes psicóticos que apresentam perturbações do pensamento, incapacidade de formar símbolos, assim como uma tendência a atuar e utilizar o pensamento concreto. A capacidade da criança de reintrojetar sua angústia tornada suportável também é considerada por W. R. Bion como sendo uma transformação de beta em alfa.

Além da relação dinâmica continente-contido, W. R. Bion descreve um segundo mecanismo, o da interação dinâmica das posições esquizo-paranoide e depressiva de M. Klein. Bion indica pelo sinal PS \leftrightarrow D. as permanentes oscilações dentro do psiquismo entre os movimentos de desintegração próprios da posição esquizo-paranoide (cisão, negação, idealização, identificação projetiva) e os movimentos de integração, próprios da posição depressiva (reintegração da cisão e da projeção, ambivalência amor-ódio). As situações de angústia podem levar à dispersão e à fragmentação do ego e dos objetos em múltiplas partículas, e, ao contrário, uma emoção ou uma idéia — chamada por W. R. Bion de "fato selecionado" — é capaz de dar coerência ao disperso e ordem à desordem.

Vicissitudes da relação continente-contido

O funcionamento da relação mãe-filho, à luz do modelo continente-contido proposto por W. R. Bion, pode levar ao desenvolvimento da capacidade de pensar e de se comunicar socialmente por meio da identificação projetiva normal. Porém, este funcionamento também pode ser perturbado de diversas maneiras, seja por parte da criança, seja por parte da mãe, e levar à identificação projetiva patológica, bem como às perturbações do pensamento encontradas na psicose.

Do lado da criança, W. R. Bion considera a *tolerância à frustração* como um fator inato da personalidade e como um elemento de grande importância na aquisição da capacidade de pensar e de suportar a angústia. Da tolerância à frustração irá depender o futuro ou o fracasso do processo de pensamento e de comunicação com o outro.

Recordemos brevemente que, para W. R. Bion, o "pensamento" é a união de uma "pré-concepção" com uma frustração. O modelo é o de um bebê à espera do seio: a ausência do seio capaz de lhe dar satisfação é sentida como um "não-seio", um seio "ausente" dentro dele. Se a capacidade de tolerar frustração for suficiente e a inveja não for muito grande, o "não-seio" dentro dele se transforma em um pensamento, e se desenvolve um aparelho para pensar os pensamentos. A impressão de ausência de objeto e a frustração criam para o bebê um "problema a ser resolvido"; é o início do pensamento propriamente dito e da possibilidade de aprender pela experiência: "Assim, a capacidade de tolerar a frustração permite à psique desenvolver um pensamento, como um meio de tornar a frustração tolerada ainda mais tolerável" (*Estudos psicanalíticos revisados*, 1967, p. 127).

Se, ao contrário, a capacidade de tolerar a frustração for inadequada e a inveja excessiva, o "não-seio" mau interno leva a psique a se defrontar com a necessidade de decidir entre fugir da frustração ou modificá-la. A incapacidade de tolerar a frustração inclina a balança no sentido da fuga à frustração. O que deveria ser um pensamento transforma-se em um objeto mau, que se presta apenas para ser evacuado, e se produz um desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projetiva. "O resultado final é que todos os pensamentos são tratados como se fossem indistinguíveis dos objetos internos maus, o mecanismo apropriado é, não um aparelho para pensar os pensamentos, mas um aparelho para livrar a psique do acúmulo de objetos maus internos" (*ibid.*, p. 128). Então, medidas são tomadas para fugir da percepção da "realização", através de ataques destrutivos. A predominância da identificação projetiva confunde a distinção entre o *self* e o objeto externo, obstrui a capacidade de pensar e pode levar à onisciência — baseada no princípio de "tudo saber, tudo condenar" — como substituto do "aprender com a experiência".

Do lado da mãe, a disfunção pode decorrer do fato de a mãe não ser capaz de tolerar as projeções do lactente, reagindo com angústia ou com indiferença. O lactente então se vê obrigado a continuar a identificação projetiva com intensidade e frequência cada vez maiores, e a reintrojeção se

efetua com intensidade e freqüência similares. Se a criança, por exemplo, projeta em sua mãe a sensação de estar morrendo e a projeção não é aceita pela mãe, "o bebê tem a impressão de que seu sentimento de estar morrendo fica desprovido de toda a significação que possa ter. Conseqüentemente reintrojeta não um medo de morrer, já tolerável, mas um terror sem nome" (*Estudos psicanalíticos revisados*, p. 132). Na análise, esse tipo de paciente parece ser incapaz de tirar proveito do que seu ambiente lhe oferece, e, portanto, de seu analista, o que entrava o desenvolvimento de sua capacidade de pensar e de tolerar tanto as frustrações como as angústias.

Assim, desde o início da vida a criança se encontra na encruzilhada de duas linhas de evolução. O desenvolvimento da tolerância à frustração leva à capacidade de pensar seus pensamentos, de criar símbolos e uma linguagem como expressão do pensamento; este desenvolvimento corresponde à parte não psicótica da personalidade. Contrariamente, a intolerância à frustração leva a perturbações da capacidade de pensar, de simbolizar e de comunicar, característicos da parte psicótica da personalidade.

Conseqüências para a clínica

Quando se aplica a relação dinâmica continente-contido à capacidade de tolerar a angústia de separação, pode-se dizer que as idéias de W. R. Bion permitem compreender melhor o jogo inter-relacional da identificação projetiva normal como base da integração do ego, particularmente do sentimento de *portance*, que definirei mais adiante como a capacidade de suportar e de elaborar a angústia de separação. Para tolerar este tipo de angústia, é indispensável que sejam constituídas, no psiquismo, condições para conter a dor e a angústia. As perspectivas propostas por W. R. Bion dão conta de diversos fatores que asseguram ao analisando, não apenas a reapropriação do "contido" emocional tornado suportável, isto é, da angústia de separação que fora projetada no analista, mas também a introjeção do "continente", isto é, da "capacidade de *rêverie*" do analista capaz de tolerar a angústia de separação.

5. D. MELTZER: PROCESSO PSICANALÍTICO E ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO

Em sua obra *O processo psicanalítico*, D. Meltzer (1967) desenvolve uma teoria da evolução da transferência em grande parte baseada nas estratégias do analisando para evitar e para elaborar a angústia de separação. Podemos encontrar em todo tratamento psicanalítico, tanto na criança como no adulto, as transformações descritas por D. Meltzer, mas a descrição que ele faz delas freqüentemente assume um caráter sistemático, que pode perturbar o clínico na medida em que é confrontado, em sua prática, com situações mais variadas e mais complexas. Aliás, devemos lembrar que esse trabalho se inscreve no primeiro período de sua obra e que depois sua técnica se modificou.

A identificação projetiva e os ciclos da análise

Em *O processo psicanalítico*, D. Meltzer sustenta a idéia de que, em todo tratamento psicanalítico, a separação do primeiro fim de semana tem uma importância primordial porque desencadeia no analisando uma tendência infantil para a identificação projetiva massiva, tanto nos objetos externos como nos objetos internos. Assim, a "situação analítica" instala, de imediato, um duplo processo: por um lado, o analisando sente imenso alívio, resultante da compreensão que encontra na relação com o analista e, por outro, este mesmo analisando é ferido, logo no primeiro fim de semana, pelo choque da separação, fazendo-o sentir-se "como um lobo encurralado" (p. 58). Estes dois processos, o alívio derivado da compreensão e o choque da separação, imprimem um ritmo que constitui o fluxo e o refluxo do processo psicanalítico, que se reproduz com freqüências variáveis, sessão após sessão, semana após semana, trimestre após trimestre, ano após ano" (p. 59).

Para D. Meltzer, o recurso à identificação projetiva massiva irá se reproduzir, em seguida, quando de cada experiência regular de separação durante o tratamento e, mais tarde, será reavivada por cada interrupção imprevista na continuidade analítica. O curso da análise será então dominado, durante muito tempo, por esta dinâmica, até que as angústias que lhe servem de base possam ser elaboradas, ainda que essa elaboração nunca cesse completamente.

D. Meltzer apóia-se em idéias desenvolvidas por H. Rosenfeld, sublinhando que uma conseqüência do uso massivo da identificação projetiva contra a angústia de separação é que a parte angustiada do *self* se une violentamente a um objeto (externo ou interno), de forma que o analisando parece não estar angustiado e as interpretações serão inoperantes enquanto a identificação projetiva não for revertida. Essa penetração intrusiva no interior de um objeto pode provocar um estado de confusão — não se sabendo mais então quem é o analisando e quem é o analista — e isso pode levar à constituição de uma estrutura quase delirante, reforçando a onipotência e o narcisismo. Por outro lado, segundo D. Meltzer, a identificação projetiva massiva é "capaz de bloquear qualquer tipo de situação que produza sofrimento psíquico em níveis infantis e nenhum outro problema pode ser elaborado enquanto este mecanismo não tiver sido consideravelmente elaborado" (p. 87).

Essa fase inicial, chamada de "colheita dos elementos da transferência", pode durar de alguns meses a um ano de análise nos analisandos neuróticos, mas nos analisandos "borderline" ou psicóticos essa elaboração constitui, segundo D. Meltzer, a essência do trabalho analítico ao longo de todo o tratamento.

As etapas do processo psicanalítico

D. Meltzer descreve, a seguir, uma seqüência cronológica de fases no desenvolvimento do tratamento analítico, com as características próprias de

cada uma dessas etapas que, graças à diminuição progressiva da identificação projetiva massiva inicial e às transformações da relação analítica, levam à resolução da transferência.

Sem entrar em pormenores sobre essas diferentes etapas, lembremos que, depois da fase inicial, vem a da "ordenação das confusões geográficas", fase durante a qual aparece uma diferenciação progressiva entre o *self* e o objeto e uma melhor distinção entre o interior e o exterior do objeto. Esse trabalho de elaboração é obtido graças à investigação sistemática da identificação projetiva, de como ela se intensifica na transferência em relação com a separação. Instalase, simultaneamente, um tipo particular de dependência infantil para com o objeto externo — chamado por D. Meltzer de dependência "seio-latrina" — caracterizada por objetivo expulso e relação de objeto parcial, implicando uma importante e duradoura cisão do objeto.

A seguir, a redução da tendência à identificação projetiva leva à "ordenação da confusão das zonas", ordenação que pouco a pouco vai pondo ordem no caos resultante da superexcitação que inundara a relação transferencial. Essa evolução leva à experiência introjetiva em relação ao "seio-que-alimenta", que, por sua vez, permite abordar a situação edípica em suas formas pré-genitais e genitais.

A etapa seguinte é a do "limiar da posição depressiva" e depois vem a fase final, "o processo de desmame". Ao se aproximar o término do tratamento, o analisando começa a tomar consciência de que o analista é importante para ele, e que pode perdê-lo, mas desenvolve um novo interesse por sua capacidade de introspecção, que contrabalança a percepção inevitável do fim da análise.

Masturbação anal e angústia de separação

D. Meltzer (1966, 1967) destacou também o papel das fantasias de masturbação com penetração anal e a instauração da identificação projetiva massiva, como defesa contra a separação.

Na masturbação anal, entram em jogo diferentes componentes libidinais e agressivos, tais como o ciúme, a inveja e a culpa relacionados aos ataques inconscientes contra a cena primitiva, que representam igualmente aspectos defensivos contra a separação. Nos analisandos menos perturbados, a masturbação anal pode ter um caráter oculto, e se o analista utiliza esta concepção teórica, deverá pesquisar o material correspondente nas fantasias e nos sonhos.

A identificação adesiva

As pesquisas de E. Bick (1968) e D. Meltzer (1967, 1975), semelhantes às de D. Anzieu (1974), os conduziram a postular que há um modo de identificação mais arcaico do que a identificação projetiva, e que desencadeia reações à

separação especialmente intensas: a identificação adesiva. Na identificação projetiva, o sujeito mete-se "dentro" do objeto, enquanto que na identificação adesiva o sujeito se "cola" ao objeto, põe-se em contato "pele a pele" com ele, por assim dizer. Isso leva à constituição de um tipo de personalidade caracterizada pela superficialidade e inautenticidade ("pseudomaturidade").

A identificação adesiva decorre do fracasso de uma fase muito inicial do desenvolvimento, segundo E. Bick (1968), durante a qual a criança tem necessidade de viver uma identificação introjetiva com a função "contínua" de sua mãe. O fracasso dessa introjeção leva certas crianças, particularmente as autistas, a manifestarem uma necessidade excessiva de dependência de um objeto externo que é utilizado como continente substituto de seu *self*. Segue-se a isso uma intolerância extrema à separação em relação a esse objeto externo: qualquer separação desencadeia o terror de uma desintegração psíquica, o sentimento de ficar em pedaços e perturbações do pensamento.

Em sua obra, *Exploração do autismo*, D. Meltzer (1975) descreve quatro tipos fundamentais de relações de objeto, situando cada uma delas em uma dimensionalidade correspondente do espaço psíquico. Postula a existência de um espaço unidimensional de não-separação, no qual espaço e tempo se fundem em uma dimensão linear do *self* e do objeto, mundo psíquico que seria característico do autismo. A idéia de que poderiam existir modos de identificações mais arcaicos do que a identificação projetiva reabre o problema de saber se existe um estado inicial de não-diferenciação entre o ego e o objeto, como supunha Freud, o que recolocaria em questão a concepção de M. Klein a esse respeito.

Retorno ao conceito do narcisismo primário?

Sabemos que um dos postulados fundamentais da teoria de M. Klein é que existem relações de objeto desde o começo da vida, contrariamente a Freud que considerava uma indiferenciação inicial entre o ego e os objetos, isto é, um estado de narcisismo primário. Posteriormente, os psicanalistas pós-kleinianos descreveram estados narcísicos de não diferenciação ego-objeto, incluindo-os em um conceito como o da identificação projetiva e da inveja (H. Rosenfeld, 1964), ou apelando para o conceito de "núcleos aglutinados" (J. Bleger, 1967), concepções que, não obstante, se inscrevem no contexto de relações de objeto presentes desde o início da vida.

J. Bleger (1967), na verdade, postula que existiria, antes da posição esquizo-paranoide de M. Klein, uma etapa anterior, constituída por "núcleos de aglutinação" ego-objeto, formados a partir das mais primitivas experiências infantis. Segundo este autor, a discriminação entre o ego e o objeto seria feita gradualmente ao longo do desenvolvimento da criança, partindo do vínculo simbiótico até chegar a uma percepção distinta do objeto enquanto separado.

As novas hipóteses de E. Bick e D. Meltzer, bem como as apresentadas por Resnik (1967) ou F. Tustin (1981) sobre o autismo, parecem recolocar em questão o postulado fundamental de M. Klein.

Para D. Meltzer, o material clínico de certas crianças autistas, descritas em *Exploração do autismo* (1975), permite supor que essas crianças não puderam alcançar nem a etapa de identificação adesiva, nem, por um motivo maior, a da identificação projetiva, que constituem as etapas primordiais do desenvolvimento psíquico. Essas duas etapas não teriam sido atingidas porque teriam sido "ou perdidas, ou inadequadas desde o começo" (p. 251). Somente depois de um certo tempo de análise é que poderia se desenvolver uma organização narcísica propriamente dita, "com sua dureza, sua crueldade e seus temores persecutórios". Podemos então nos indagar se a fase de "integração primária self-objeto", concebida por D. Meltzer (1967, p. 207) como uma preparação necessária às etapas seguintes do desenvolvimento — identificação adesiva, depois identificação projetiva —, não seria uma maneira indireta de reintroduzir a noção de não-diferenciação entre o ego e o objeto no começo da vida e de reintroduzir, ao mesmo tempo, a tão discutida noção freudiana de narcisismo primário.

Lugar da angústia de separação e de perda de objeto nas outras principais teorias psicanalíticas

Agora iremos examinar outras teorias psicanalíticas de relação de objeto e o lugar que cada uma delas atribui à angústia de separação e de perda de objeto. Entre as teorias que influenciaram e continuam a influenciar a prática psicanalítica atual, escolhi as que me parecem mais marcantes.

Dentre elas, comecei pela de W. R. D. Fairbairn, que estabelece uma distinção entre os níveis de dependência em relação aos objetos, em função do grau de elaboração das angústias de diferenciação e de separação. Em seguida, apresentarei o ponto de vista de D. Winnicott sobre as angústias iniciais e sobre a função do *holding* que ele atribui ao processo psicanalítico, função essa capaz de reforçar a "capacidade de estar só, em presença de alguém", segundo expressão sua. Examinaremos, mais adiante, o lugar atribuído à angústia de separação na concepção de Anna Freud e de R. Spitz, que se parecem, bem como o conceito de separação-individuação de M. Mahler. Os pontos de vista de A. Freud, R. A. Spitz e M. Mahler, bem como o de M. Klein e dos analistas pós-kleinianos, constituem verdadeiros *modelos* de compreensão das angústias de separação e de perda de objeto, tanto no adulto como na criança. Cada um desses modelos se inscreve em uma linha de pensamento próprio, cuja originalidade propicia uma coerência interna e torna cada uma dessas teorias dificilmente comparável as outras. Para encerrar esta visão panorâmica, lembraremos o lugar particular ocupado por J. Bowlby, cujas pesquisas sobre a separação e a perda de objeto ganharam autoridade, mas cujas conclusões se afastam do campo específico da psicanálise.